



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**IDENTIDADE NARRATIVA E PAUL RICOEUR.
UM DIÁLOGO POSSÍVEL COM A PSICOLOGIA?**

PAULA ALEXANDRA LEAL CORTES

Orientador de Dissertação:
PROF. DOUTOR VICTOR AMORIM RODRIGUES

Coordenador do Seminário de Dissertação:
PROF. DOUTOR VICTOR AMORIM RODRIGUES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de
MESTRE EM PSICOLOGIA
Especialidade em Psicologia Clínica

2016

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de
Prof. Doutor Victor Amorim Rodrigues, apresentada
no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de
grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e ao meu irmão por permitirem ter dado continuidade a este projecto. Por me terem acompanhado com a sua presença serena nesta viagem.

Aos amigos que compuseram o ciclo ispiano, a todos aqueles que com entusiasmo me perguntavam o que já tinha descoberto. Aos amigos que sempre me incentivaram a escrever uma tese comprometida. Aos amigos que pediam e aguardaram até hoje pela história desta tese. Aos amigos que praticam poesia todos os dias.

Ao Professor Doutor Victor Amorim Rodrigues, o orientador que me deu um quadrado de liberdade, cujas fronteiras nunca vi. O meu agradecimento sentido pela total confiança, estima e curiosidade. Por me ter permitido levar avante a vontade de concretizar este tema.

À Professora Paula Ponce Leão a minha profunda gratidão por me ter aberto ao livro de uma vida com o seu relato. Por ter engendrado a curiosidade com raízes de uma filigrana que persiste, convoca e desafia. Obrigada pelos encontros de afecto, pela disponibilidade.

Ao Professor António Gonzalez que ouviu as primeiras intenções desta tese quando ainda era uma “gavota”. Obrigada por incentivar-me a pensar através da escrita.

A todos os demais professores que me fizeram crescer por vias longas. Aos funcionários e profissionais do Ispa pela constante amizade. À biblioteca e à sua equipa, que a tornam num lugar vivo.

RESUMO

O conceito de *self* é multifacetado e discutível. Existem diferentes áreas do saber a pensá-lo, como por exemplo, a Filosofia e as Neurociências. Na Psicologia, o *self* e a identidade são noções centrais. Estamos num tempo em que coexistem diferentes e variadas visões de *self* e/ou identidade na teoria e prática psicológica. Existe hoje uma falta de consenso sobre o seu significado. (1) Afinal, a que nos referimos nós, psicólogos, quando falamos de *self*? A proposta é escutarmos o filósofo Paul Ricoeur (1913-2005) através da obra “O Si-Mesmo como um Outro” (1991) e a sua noção de *Identidade Narrativa*. Encontrada a pertinência do seu pensamento para a Psicologia pretendeu-se não descorar a actual discussão, no campo da Fenomenologia, com a proposta de um *self* pré-reflexivo/experiencial/minimal (Dan Zahavi e Shaun Gallagher); bem como no campo das Neurociências, cingida à visão de António Damásio, com a ideia de um *self* nuclear vs autobiográfico. (2) Poderá haver um diálogo entre os autores? Conclui-se um entendimento possível de os convergir entre as suas afinidades, não perdendo de vista os opostos, nem o campo da Psicologia onde nos situamos.

Palavras-chave: Paul Ricoeur, Identidade narrativa; Self

ABSTRACT

The concept of self is multifaceted and debatable. There are different areas of knowledge to think about, such as Philosophy and Neuroscience. In psychology, self and identity are central notions. We are at a time when different and varied views of self and / or identity coexist in psychological theory and practice. There is a lack of consensus on its meaning today. (1) After all, what do we refer, as psychologists, when we speak of self? The proposal is to listen to the philosopher Paul Ricoeur (1913-2005) through his work "The Self as an Other" (1991) and his notion of *Narrative Identity*. The pertinence of his thought to Psychology was intended not to detract from the current discussion, in the field of Phenomenology, with the proposal of a pre-reflective / experiential / minimal self (Dan Zahavi and Shaun Gallagher); as well as in the field of Neuroscience, bound to Antonio Damásio's vision, with the idea of a nuclear vs. autobiographical self. (2) Can there be a dialogue between authors? There is a possible understanding of converging between their affinities, where we shouldn't lose sight of the opposites, nor the field of Psychology where they stand.

Keywords: Paul Ricoeur, Narrative identity; Self



Mark Rothko, *Black in Deep Red* (1957)

“No fundo de cada palavra, assisto ao meu nascimento”

Alain Bosquet

Espreitar o rasto do caminho donde viemos

“Primeiro: continuar. Segundo: começar”

Maria Filomena Molder (2016)

I

Uma rapariga de sardas, com cabelo em desalinho e uma timidez que não se via, respondeu: Filosofia. Assim, com uma convicção que desconhecia ter. Tinham acabado de perguntar, perante o silêncio de uma nova turma, qual era a sua disciplina favorita. Ouviram-se risos e o maior foi o do professor que o perguntava, homem da Biologia e Geologia. Por entre os picos das gargalhadas, ele teve espaço para dizer: “como é que sabes se nunca tiveste Filosofia?”. Voltou a encostar-se na cadeira para o riso.

Somos jovens e rimos alto, rimos muito, rimos tudo. Estava orquestrado o som com vogais abertas em unísono, de barrigas que fazem nascer tudo o que levam, o gozo, o malfadado nervoso de estarem todos para o primeiro dia de aulas, de alguém sair-se vitorioso. Nos dias seguintes, falou-se alto de Darwin. A principio, quem continuava rindo parecia muito forte. Parecia subsistir como uma papoila na neve.

O professor não sabia que nós sabemos alguma coisa antes de sabermos. A rapariga cujo o riso baixo era compensado na altura do corpo, na mala à tira colo atravessada no peito liso, tinha - tal como os colegas de turma, tal como o professor - crenças, ideias, expectativas. Tinha um reбуçado de desejo a rolar na língua, no búzio dos ouvidos, engendrado na palavra Filosofia.

Era agora a vez da menina rir baixo, como se soubesse um segredo: que a Filosofia lhe haveria de contar alguma sabedoria sobre a vida, sobre o mundo e sobre os homens. Começou assim a minha história com a Psicologia, nas suas origens com a Filosofia. Afinal, estava apontada para a inconclusão à pergunta que as une: o que é o Homem? Como é que o Homem se diz? Como é que o Homem se pensa?

II

Chegada à Psicologia, como ciência com corpo distinto e emancipado da Filosofia, aqui fiquei. Ouvimos Freud, actos falhados, superegos, instintos e pulsões. Enchemos os pulmões de uma nova forma de conceber o Homem e de o perspectivar na relação com o mundo e os outros. Os pais reais, os pais concebidos em nós. Os entes próximos podem crescer como uma mancha de roschasch. O divã e o charuto de Freud feito relógio da sessão.

Sáimos e deixamos a porta entreaberta. Passamos para a sala onde se fala outro modo de ver o homem, ainda que à ombreira do fumo largado por Freud e os seus seguidores, mas também aqueles que o criticaram de um modo dialogante. Nesta sala, oiço Sartre. Sou tomada pela Náusea, a música no gramofone dissipa-a. Estou com um pé nas artes e simultaneamente inteira na Psicologia. Fernando Pessoa outrado em Campos, Álvaro de Campos, ensina-me a angústia. Dou nome ao que sentia. A Poesia nomeia esses sentires, provoca, desponta outros sentimentos e emoções. António Damásio acaba de lançar “O Livro da Consciência” no ano em que entro para a faculdade: leio, entendo pouco.

As neurociências parecem a outra terra do planeta azul, parecem uma laranja azul. “A terra é azul como uma laranja” (Paul Eluárd). Parecia que criavam água de beber, as neurociências. E eu até achava que podia ser muito científica, falando do córtex e da amígdala. Mas depois eram palavras que eu não podia levar na hora do encontro com alguém que vinha chorando, pedindo alento.

Haviam pensamentos silvestres, solidões oceânicas, não me revia na perspectiva dinâmica do homem tomada pela psicanálise mais formal, nem propriamente pela corrente em si. Este vislumbre de cepticismo levaria-me a atravessar para uma rua paralela e ir noutra sentido. A Fenomenologia, o Existencialismo, o Humanismo.

ÍNDICE

Introdução	1
<i>A arquitectura da tese e os seus objectivos</i>	5
CAPÍTULO I: AS NOÇÕES DE SELF, IDENTIDADE E NARRATIVA NA PSICOLOGIA	7
1. Das origens do estudo do self até às teorias do self na Psicologia contemporânea	7
2. Uma tentativa em abranger diferentes visões de self na Psicologia	9
3. Alguns movimentos, teorias e autores fundamentais para a noção de self	12
Teorias psicanalíticas	12
Movimento humanista	14
Interaccionismo, construcionismo, construtivismo	15
Neurociências	16
Self e identidade	19
Narrativa e sentido	19
CAPÍTULO II: O PENSAMENTO DE PAUL RICOEUR	22
1. O caminho de Paul Ricoeur	22
<i>a inserção da hermenêutica na fenomenologia</i>	22
2. Paul Ricoeur e a Psicologia	24
<i>vida e narração, eu e si</i>	24
<i>identidade, duas dialécticas</i>	25
<i>o tempo da narração</i>	26
<i>narração e identidade</i>	27
<i>composição da história e aspectos da narração</i>	28
<i>faz da própria vida um tecido de histórias narradas</i>	29
<i>imaginação e narrativa</i>	30
<i>narrativa histórica e narrativa de ficção</i>	30
<i>tripla mimesis e o mundo do texto</i>	31
<i>alguém que ouve, alguém que segue uma história</i>	31

<i>um outro olhar voltado para o terapeuta</i>	31
<i>a responsabilidade do terapeuta</i>	32
<i>o rasto donde viemos e para onde vamos, conclusão</i>	32
CAPÍTULO III: SELF PRÉ-REFLEXIVO, EXPERENCIAL OU MINIMAL	33
DISCUSSÃO, UM DIÁLOGO POSSÍVEL	36
Parte I - Ricoeur em relação com as teorias do self na Psicologia	37
Parte II - Ricoeur em diálogo com o self narrativo e o self pré-reflexivo	37
<i>o olhar do self pré-reflexivo sobre o self narrativo</i>	40
<i>o olhar do self narrativo sobre o self pré-reflexivo</i>	40
<i>uma proposta entre opostos</i>	41
CONCLUSÃO	44
I. Filosofia, Psicologia e teorias do self	44
II. Descobrir a sua casa	45
III. Afinidades entre Zahavi, Gallagher, Damásio e Ricoeur	46
IV. Ricoeur situado na Psicologia	48
V. Um apelo ao diálogo	49
VI. O outro põe-me questão	50
VII. Linguagem e componentes da narrativa	51
VIII. Mudança e psicoterapia	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

INTRODUÇÃO

Diria que a reflexão a que me proponho parte da interrogação: *quem? Quem é o sujeito da Psicologia?* Esta pergunta decorre da multiplicidade de vozes encontradas hoje na Psicologia, como também, da asserção de que devemos demorar-nos nela continuamente. Talvez por isso as aporias sejam, antes de tudo, um convite a entrarmos, assim como uma tela Mark Rothko. Um convite ao olhar singular, em diálogo consigo e com o outro.

É com e através do pensamento de Paul Ricoeur que pretendemos perspectivar um outro ângulo para a Psicologia. Não sendo este um psicólogo, responde-nos com a sua Filosofia desenvolvida na obra *Soi-Même comme un Autre* (1990b) a questões que o próprio designa como “quem é o sujeito do discurso?, quem é o sujeito do fazer?, quem é o sujeito da narrativa? quem é o sujeito de imputação moral?” - que remetem para uma problemática do si (1995, p.19).

Num segundo plano, como é que acedemos a esse sujeito da Psicologia? Como é que ele se diz? Paul Ricoeur (1995a, p.19/20), lança o rebento que convida-nos a pensar aspectos da narração e do narrador, da enunciação e do locutor. Falar, fazer, contar podem ser considerados, segundo o próprio, “como modos distintos de um agir fundamental” (p.20). De que forma se dá este agir? No fio ricoeuriano, este “agir” é o traço comum de expressões fenomenológicas, dando-se “nos actos da palavra, nas iniciativas e intervenções práticas, no pôr em intriga as acções contadas e nos protagonistas dessas acções, ou no acto de imputar a alguém a responsabilidade da palavra, da acção ou da narrativa” (Ricoeur, 1995a, p.20). Na visão do autor, dizer e, sobretudo, contar é já fazer, “conferindo a coerência da narrativa à coesão de uma vida” (p.21), colocando em relevo a questão da permanência do si no tempo.

Ainda na clareira da interrogação *quem?*, proposta inicialmente, podemos observar a poeira que nela se revolve a partir de Ricoeur (1995a) na sua concepção de hermenêutica do si - um si que compreende duas intrusões do outro que serão devidamente aprofundadas. O tema da *Identidade* convoca uma distinção interna entre o par da *mesmidade* e *ipseidade*, sendo esta constitutiva da noção de si. Em segundo, a intrusão do outro no campo fenomenológico que “diz respeito às figuras da alteridade que rodeiam o mesmo” (p.31). O mesmo que não se refere tanto àquele do *idem-ipse*, ou seja, o mesmo, mas “o mesmo enquanto precisamente *outro que não ele mesmo*” (p.31). Em suma, encontramos-nos perante a dialéctica da

identidade-*idem* e da identidade-*ipse*, e a dialéctica da *ipseidade* e da *alteridade* (Ricoeur, 1995a, p.40).

No campo da identidade pessoal, que é onde se insere a primeira das duas dialécticas descritas anteriormente, a investigação entre a identidade-*idem* e a identidade-*ipse*, subordinada pela questão quem?, encontra na narração, diz-nos Ricoeur (1995a) um meio privilegiado e apropriado de resposta. O que há na narrativa que leva o autor a colocá-la como lugar onde está à prova a dialéctica da identidade?

A reflexão em causa na presente tese considera uma proposta interpretativa do pensamento de Paul Ricoeur para a Psicologia, cujo convite é darmos atenção à sua noção de si, no caminho hermenêutico do si e a concepção de Identidade aliada à narração.

Introduzidos genericamente os grandes tópicos a serem desenvolvidos, sumarizam-se agora os temas que serão as pedra-de-toque ricoeurianas onde nos movimentaremos com vista a amplificar o ângulo do olhar da Psicologia nos temas da Identidade, da Identidade Narrativa, na Hermenêutica do si e na distinção entre o si e o eu. Para tal, o enfoque será sobretudo nas obras *Tempo e Narrativa (I, II, III)*, sobretudo no volume III (1985/1997), em que o autor considera ter lançado o que chamou de “rebento frágil” (1985/1997, p.321) - a concepção de Identidade Narrativa, que ganha o seu coração na obra fundamental *O Si-Mesmo como um Outro* (1990), aquela onde nos debruçaremos mais profundamente. Além destas, pretende-se acolher outras obras do autor, como por exemplo, *Da Metafísica à Moral* (1995a), bem como artigos e conferências, como por exemplo, aquela em que Ricoeur (comunicação pessoal, Faculdade de Teologia de Neuchâtel, 3 de Novembro de 1986) trata do tema de identidade narrativa. Alguns das suas comunicações viriam a ser publicadas (e.g. Ricoeur, 1988).

Lançadas as sementes do que se pretende desenvolver com e a partir de Ricoeur, deixemos repousar as ideias e retomemos o ponto de partida aqui lançado: *quem?*. Questão esta que se bifurca: (1) *quem é o sujeito da Psicologia?*, ou seja, de que modo é que a Psicologia define o seu objecto de estudo, uma vez que, segundo Guanes e Japur (2003) a própria definição desta disciplina compreende a noção de *self*. Um termo que se apresenta desde logo como multifacetado, coexistindo diversas concepções tanto na teoria quanto na prática psicológica, consoante os solos epistemológicos (Macedo & Silveira, 2012). Este termo, apesar de não haver um consenso e uma tradução literal para o português, pode referir-

se à pessoa, ao eu, ao si próprio e como categoria psicológica é utilizado no sentido de identidade, personalidade, ego (Freire & Branco, 2016).

Por outro lado, pedir pelo quem orienta-nos também no sentido da pergunta (2) *quem sou eu?*, a qual, como sugere Ernesto Spinelli (2001/2004), continua a ser uma das questões fundamentais colocadas por parte dos pacientes/clientes aos psicoterapeutas. Ainda segundo o autor, as reflexões sobre a existência sempre acontecem num determinado horizonte histórico e cultural, neste caso ocidental. Assim, a maneira como pensamos e interpretamos para responder à questão formulada, a maneira como olhamos para resposta dada, traz já consigo um conjunto de suposições que lhe estão inerentes e implícitas (Spinelli, 2001/2004).

Como é que respondemos à pergunta quem sou eu? Segundo Paul Ricoeur (1990a), através de uma história. E como é que o outro, que está diante de nós, responde à questão que o próprio é capaz de colocar a si mesmo? Através de um relato, de uma história - uma história que se constitui e define em termos identitários. É este o cerne das perspectivas narrativas, tanto na Filosofia como na Psicologia, em que a linguagem assume um papel constitutivo do si.

Desdobrada a questão *quem?* na sua multiplicidade, vemos como há nela uma trança feita de fios que lhe são indissociáveis, as noções de *self*, *Identidade* e *Narrativa*. Diz-nos Paula Ponce de Leão (2016) se o olhar em diálogo para a linha da hermenêutica-fenomenologia e a linha da Psicoterapia-existencial, no que concerne à identidade pessoal, não implicará a ascensão de velhas questões, como sejam, a questão da consciência, do ego, do self?

Identificado o percurso que se espera seguir com a candeia do pensamento de Paul Ricoeur, a proposta é não descorar o que também se alumia próximo. As centelhas de leituras de alguns trabalhos dos filósofos Shaun Gallagher e Dan Zahavi (2008) levaram-nos a atender à proposta de um self minimal/experiencial/pré-reflexivo (conceitos tomados como sinónimos).

Este é hoje um debate instalado na Filosofia em que, por um lado, defende-se um self narrativo e, por outro, um self pré-reflexivo. Como é que a Psicologia se situa neste debate?

No essencial: o self é construído narrativamente? Situa-se apenas num plano reflexivo? Seremos nós meras construções narrativas? Se sim, em que é que está alicerçada essa construção? Por outro lado, como nos diz Denis O'Hara (2014), compreendemos a

existência humana como estando relacionada a uma essência nuclear que é descoberta e desenvolvida ao longo do tempo e daí questionarmo-nos se ser humano não implicará uma construção através da experiência?

A proposta é abordarmos não apenas diferentes visões contemporâneas, mas também aquelas que fortemente marcaram o entendimento que hoje temos. Serão percorridos trilhos por alguns movimentos, teorias e autores fundamentais para a noção do self, nomeadamente, por teorias psicanalíticas, pelo movimento humanista e por abordagens como o construtivismo e construcionismo (capítulo I).

Esta tese é um *aperçu*, um contorno, sobre o conceito de self, de outro, sobre a noção de identidade. Procura-se delinear não mais do que um contorno, sobre algo que não é fisicamente identificável, e cujos os limites atravessam e deixam-se atravessar por vários sentidos e orientações. É esta ideia de desenho que venho tentar oferecer ao leitor. Importante é, todavia, não animar expectativas sobre um tema que se enuncia tão vasto e pensado por vários pensadores. Bem como nos diz Denis O'Hara (2014) é um tema em que há uma tendência para polarizar as questões, o que gera a posição em apenas um dos lados - sendo este um dos problemas do tema.

O tema da intersubjectividade não escapa à tapeçaria de Ricoeur e aos fios da Psicologia que nela se constituem. Por isso, fica lançada também a reflexão sobre a alteridade.

Talvez as palavras mais próximas da Psicologia sejam *pessoa* e, se quisermos, *anima*. Não fosse esta considerada como o “estudo da alma” nas suas origens com a Filosofia. Nesse sentido, inevitável é perguntar quem, quem é esta pessoa da Psicologia? Como é que, nós estudantes de psicologia, psicólogos e psicoterapeutas, concebemos o outro? Este outro que nos chega com um pedido, mais ou menos directo, face a algo que lhe traz sofrimento.

As diferentes perspectivas teóricas na Psicologia oferecem um quadro em que o Homem é concebido de uma determinada maneira. Não obstante as diferentes concepções existentes do conceito de self (Macedo & Silveira, 2012), entendido na Psicologia geralmente como eu ou si-próprio, há outra pergunta que decorre da interrogação quem? Afinal, quem é esta pessoa da Psicologia? Neste sentido, a pergunta volta-se também para o psicólogo. De

que modo é que este é visto? Posiciona-se como o detentor de saber sobre o outro? O que significa ser psicólogo perante outro? De que maneira é que eu, enquanto psicólogo, concebo o outro?

Foram as leituras das obras de Paul Ricoeur, autor de Filosofia, principalmente de *O Si-Mesmo como um Outro* (1990a), que me instigaram à pertinência de insistir em voltar a perguntar: quem é o outro? Quem é que sou? Como é que acedo ao outro? Como é que o outro se dirige a mim?

Se interrogar aqui é entendido como um movimento necessário sobre um conceito que se desenha de tantas formas, com mais ou menos rigidez no traço, salvaguardado fica, desde já, que a reflexão que ora aqui se apresenta não é resposta. É, antes, uma tentativa possível de desbravar e ampliar o debate através de um sentido pessoal encontrado neste autor e do espaço encontrado na Psicologia para nele entrar. Afinal, quem ousaria dar a resposta? Este não é o tempo dos absolutos. Além de que sempre houve e continuará a haver muita controvérsia sobre a natureza, estrutura e realidade do self (Zahavi, 2014).

Por fim, tal como para Darren Langdrige (2004a; 2004b), apesar do contributo do filósofo ser inequívoco, consideramos também que a sua obra tem sido pouco considerada, nomeadamente por psicoterapeutas. A fenomenologia hermenêutica de Ricoeur tem uma relação com o espaço terapêutico, sobretudo, com o das abordagens fenomenológico-existenciais (Sousa, 2004). Autor para quem, além da a noção de mundo do texto, também ele propõe um olhar sobre o livro *O Si-Mesmo como um Outro* (1990a), especificamente sobre a Identidade Narrativa.

A arquitectura da tese e os seus objectivos

Capítulo I: o objectivo é fornecer um solo sobre as noções de self, identidade e narrativa na Psicologia, permitindo um enquadramento genérico na abrangência dos conceitos e da disparidade de visões que coexistem. Pretende-se também escutar o que António Damásio, no campo das Neurociências, apresenta sobre o self. Além deste, serão também focadas os conceitos de Identidade, sentido e narrativa.

Capítulo II: será apresentado o pensamento de Paul Ricoeur, já inserido no início de uma proposta interpretativa. Neste capítulo pretende-se tocar as várias noções da obra do autor, tais como Hermenêutica, si-mesmo, Identidade, narração, imaginação, entre outras.

Capítulo III: visa expor a concepção de self pré-reflexivo/experiencial/minimal, assente sobretudo nas concepções de Shaun Gallagher e Dan Zahavi.

Discussão, um diálogo possível: Trata-se de convocar o pensamento dos autores expostos. Por um lado, abordar genericamente as teorias da Psicologia e fazer uma ponte entre elas e o pensamento de Ricoeur, seguindo-se-lhe um possível diálogo entre o self narrativo e o self pre-reflexivo.

Conclusão: É apresentada uma proposta de leitura sobre as diferenças e afinidades dos autores (Ricoeur, Gallagher, Zahavi e Damásio) que decorre do que foi sendo desenvolvido ao longo dos capítulos.

CAPITULO I: AS NOÇÕES DE SELF, IDENTIDADE E NARRATIVA NA PSICOLOGIA

No artigo de revisão de literatura sobre o conceito de *self*, Macedo e Silveira (2012) referem que encontramos-nos hoje num tempo em que, na teoria e prática psicológica, coexistem diferentes definições. Na perspectiva das autoras, esta variedade decorre de diferentes solos epistemológicos, donde divergem várias orientações para descrever, delimitar e abordar o objecto de estudo que é o *self*.

Face à premissa evidenciada, e ao facto de, como refere Emmy Van Deurzen (2015) e Katherine Nelson (2003) estarmos perante um conceito que tem variado de forma significativa ao longo da história humana e cultural, decorrente de processos históricos, importa percorrer um caminho capaz de nos dar uma compreensão geral das origens do estudo do *self* nas teorias psicológicas. Porquanto, como enfatiza Deurzen (2015), os psicólogos e psicoterapeutas têm descurado as bases deste conceito.

Examinar a compreensão de *self* dos filósofos gregos, as reflexões pós-modernas acerca do *self* e da cultura e os resultados de pesquisas empíricas sobre o *self* permitem compreender a complexidade do *self* enquanto objeto de estudo na ciência psicológica (Macedo & Silveira, 2012), visto que o seu estudo tem sido uma preocupação central na Psicologia desde os seus primórdios desde a Filosofia até à sua actualidade (Goffman 1959/1972; Middlebrook, 1980 cit. por Spinelli, 1989/2005; 2001/2004).

Afinal, de que falamos nós, psicólogos, quando falamos de *self*?

1. Das origens do estudo do self até às teorias do self na Psicologia contemporânea

Num plano psicológico, o estudo do *self* é mencionado por diversos autores como tendo o início da sua análise, no final do século XIX e início do século XX, com a obra de William James (1890), “The Principles of Psychology” (e.g. Deurzen, 2010; Gallagher, 2000; Spinelli, 1989/2005; Ashmore & Jussim, 1997; Leary & Tangney, 2012). Esta publicação constituiu-se como um precedente da investigação académica no estudo do conceito (Macedo & Silveira, 2012), tornando-se desde então um tema central e vibrante na investigação o que conduziria a que, sobretudo, uma década depois, o interesse no *self* dominasse várias áreas na Psicologia (Leary & Tangney, 2012); e da Filosofia (Gallagher, 2000).

William James (1890 cit. por Vieira & Henriques, 2014) concebe o self como bipartido: há o *sujeito* activo que conhece (“eu”) e o *objecto* passivo que se dá a conhecer (“mim”). O self como “eu” é caracterizado pela continuidade (senso de identidade pessoal através do tempo), diferenciação (sentimento de individualidade e singularidade) e volição (sentimento de capacidade de escolha). No que diz respeito ao self como “mim” remete para aquilo que pertence ao mim, como seja, o corpo, qualidades psicológicas, os amigos, os bens, posição social (Hermans, 2001 cit. por Vieira & Henriques, 2014). Em suma, James tentou analisar as propriedades do “eu”, da experiência consciente, este que constituía o objectivo básico da Psicologia (Spinelli, 1989/2005) e operacionalizou categorias para o self (self físico, self mental, self espiritual, ego) (Gallagher, 2000). Ainda segundo James (1980 cit. por Beike & Niedenthal, 1998) as representações sobre si mesmo no passado são centrais para o self, sugerindo que a extensão temporal é a característica que define o self (James, 1980, p. 332):

“the sense of personal identity... is the sense of a sameness perceived by thought and predicated by things thought-about. These things are a present self and a self of yesterday. The thought not only thinks them both, but thinks that they are identical”

Não obstante o facto da maioria dos psicólogos considerar que o estudo do self, de um ponto de vista psicológico começou com William James (1890), existe um caminho prévio feito pelo Homem que desde sempre procura conhecer-se e interroga “quem sou eu?”. O que se foi construindo na Filosofia sobre o homem, nas suas diferentes concepções, influenciaram a compreensão sobre o self (Oliveira, 2006; Rasesa, Guanes & Japur, 2004; Souza & Gomes, 2009 cit. por Macedo & Silveira, 2012).

Não raras vezes atribui-se a Platão o começo da discussão do self. Contudo, podem ser referidos outros nomes da cultura ocidental que se debruçaram sobre o self, a consciência reflexiva e a identidade. Durante o iluminismo, filósofos como Descartes, Locke, Hume, Leibnitz, Berkeley e Kant abordaram o problema do self (cit. por Leary & Tangney, 2012).

Na visão de Chandler (2000 cit. por Macedo & Silveira, 2012), as concepções mais marcantes foram: i. o homem como resultado de um sistema de essências (Schlesinger); ii. o self transcendental e imutável (Platão); iii. o ser que vivia um dualismo entre o corpo e o

espírito (Descartes); iv. o ser que era equipado com categorias universais na mente (Kant). Ainda na perspectiva deste autor, estas abordagens continham uma preocupação com um estado de permanência e uma despreocupação face à mudança, levando a que se entendesse o self como entidade ou da existência de um núcleo essencialista, e a procura por alguma substância duradoura, como o ego, o espírito ou a alma (cit. por Macedo & Silveira, 2012).

No pensamento ocidental, é frequente em determinados contextos ouvir-se dizer, por exemplo, “ele mudou”. Algumas pessoas, temem que esse “ele” não tenha mudado o suficiente ou em tudo, sendo por isso “ainda a mesma pessoa antiga” (p.76). Ora, na perspectiva de Ernesto Spinelli (1989/2005), encontra-se implícito em tais afirmações um pressuposto: em algum lugar de cada um de nós reside um self nuclear/básico inacessível. O autor defende que este pressuposto tem dominado a Psicologia ocidental, sendo o solo de praticamente todos os estudos sobre o self.

Na Psicologia, a visão de self mais frequente teve as suas origens na tradição filosófica que começa com Descartes, passa por Kant e chega até Piaget (Oliveira, 2006 cit. por Macedo & Silveira, 2012). Como referem as autoras em causa, “trata-se do self como “si mesmo”, a tomada de consciência de ser uma entidade independente e autónoma em relação ao outro.” (p.282). Desta forma, estamos perante aquilo que é denominado por uma “visão racionalista do psiquismo”, donde ressalta uma perspectiva individualista, pois descreve algo que se passa no interior do sujeito (Macedo & Silveira, 2012, p.282).

2. Uma tentativa em abranger diferentes visões de self na Psicologia

Ernesto Spinelli (2001/2004, p.38) sugere que a questão “quem sou eu?” continua a ser a pergunta fundamental com a qual os psicoterapeutas são confrontados pelos seus clientes/pacientes. Sendo que a sua resposta, a maneira como vamos interpretar, revela um conjunto de suposições e restrições da nossa civilização que lhe são subjacentes/inerentes.

Spinelli (2001/2004) enumera os seguintes entendimentos sobre o self:

1. o self como coisa, entidade ou essência;
2. o self como unidade singular, ou seja, cada pessoa é ou tem um self;
3. o self está interna ou intrapsiquicamente localizado (dentro de cada pessoa);

4. o self é, com poucas exceções, intrinsecamente fixo no tempo. Permanência e consistência são traços característicos do self. Nós reconhecemos que somos o que temos sido;
5. o self pode existir de forma isolada, não sendo, portanto, dependente da consideração e influência de qualquer outro ser humano;
6. o self pode ser “verdadeiro” ou “falso”, na medida em que permite-se enganar a si mesmo. O self “real” pode ser perdido ou impedido de desenvolver o seu potencial, mas também pode ser “encontrado” mais do que uma vez ou pela primeira vez (é o que pode suceder numa experiência de psicoterapia bem-sucedida);
7. o mais importante no self é que este constitui a fonte e origem da nossa capacidade de processar e rejeitar a experiência vivida. O self é o iniciador da consciência.

Face à panóplia de definições e, no fundo, respostas possíveis à interrogação “quem sou eu?”, Spinelli (2001/2004) diz-nos existirem mais de 2000 títulos a propósito deste assunto (Gordon and Gergen, 1968 cit. por Spinelli, 2001/2004). O número crescente de investigação tem levado a um regresso à fenomenologia (Midgley, 1999; Strawson, 1997; Zahavi, 1998 cit. por Spinelli, 2001/2004).

Também os autores Leary & Tangney (2012), sugerem e apontam diferentes visões de self na Psicologia:

1. o self como a totalidade da pessoa, compreendido e tomado como sinónimo de “pessoa”, sendo esta noção usada na linguagem do dia-a-dia. Na Psicologia, é mais frequente considerar a pessoa não como sendo um self, mas como tendo um self (Olson, 1999 cit. por Leary & Tangney, 2012).
2. “o self como personalidade”. Ou seja, o self é compreendido como o conjunto das características que distinguem um self individual de outro, resumindo-se ao somatório de aspectos de uma pessoa que a tornam psicologicamente única.
3. o self como experiência do sujeito. Considera-se este self como o referente à entidade psicológica interna que é o centro ou o sujeito da experiência de uma pessoa. Este uso do self é reflectido na fenomenologia do selfhood. Ou seja, refere-se à sensação descrita pelas pessoas de que há “uma coisa”, dentro da cabeça, que regista as

experiências, que acha os pensamentos e sente os sentimentos (Olson, 1999 cit. por Leary & Tagney, 2012).

4. o self como sistema de crenças apreendidas, sustentadas como verdade de si.
5. o self como agente da acção.

Os autores William Watson Purkey e Paula Helen Stanley (2001), num capítulo dedicado ao estudo do self na psicoterapia, sobre um ângulo da psicoterapia humanista, apresentam um olhar sobre a noção de self, considerando a natureza do self, a sua breve história, bem como a investigação contemporânea e o seu uso na psicoterapia:

1. O conceito de self é um constructo hipotético, pode ser inferido pela evidência, que se diferencia do conceito de *self-report*, ou seja, de eu próprio ou o próprio constatar-se a si mesmo, evidenciando-se.

2. Central a toda a percepção está o self individual. As coisas não são por si só percebidas, mas antes dentro da experiência de cada um.

3. O conceito de self é “o coração da personalidade humana” (p.491) e caracteriza-se por uma organização interna e estável.

4. O indivíduo percebe em diferentes aspectos do self em tempos diferentes com graus variáveis de clarificação. Assim, o foco no si próprio, é uma ferramenta valiosa da terapia.

5. Qualquer experiência que é inconsistente com o self pode ser percebida pela pessoa que experimenta como uma ameaça, e quanto mais essas experiências existem, mais rigidamente o self é defendido. Quando uma pessoa é incapaz de se livrar de inconsistências percebidas, problemas psicológicos surgem.

6. O self não aparenta ser instintivo, mas como um produto social desenvolvido através da experiência, ele possui um potencial relativo de actualização.

7. O foco na perspectiva como o cliente percebe o self é um aspecto valioso na psicoterapia.

Por fim, parte da definição que a “American Psychological Association” [APA] oferece para a noção de self é: “a totalidade do indivíduo, consistindo de todos os atributos característicos, conscientes e inconscientes, mentais e físicos. Além de sua referência básica à

identidade pessoal, ser e experiência, o uso do termo em psicologia é extremamente extensivo e carece de uniformidade” (2007, p. 830/831).

3. Alguns movimentos, teorias e autores fundamentais para a noção de self

A maioria das visões sobre o self são dadas num contexto particular, em vez de ser o self *per se* (Klein, 2014, p.5). Dessa forma, existem à disposição modelos do self cognitivo, self social, self narrativo, self autobiográfico, etc. Nesse sentido, aqui abordamos alguns movimentos, teorias e autores que, por certo, excluirão outros, para que possamos cumprir o nosso objectivo de aqui é fornecer um solo sobre a panóplia de concepções existentes hoje sem o fito de aprofundar nenhum autor em particular. A escolha deu-se em função da possibilidade de diálogo com os capítulos seguintes, por eventuais pontes de ligação entre afinidades e rupturas.

Teorias psicanalíticas

A psicologia do ego é derivada da teoria psicanalítica clássica de Sigmund Freud. Freud (1927/1949) não desenvolveu formalmente a noção de self na sua conceptualização do Id, Ego e Superego, bem como na divisão entre subconsciente, pre-consciente e consciência. Contudo, para alguns autores estas noções podem ser interpretadas como a conceptualização do self (e.g. Cole, 1971). Enquanto que outros autores têm apontado para a dificuldade de apreensão do conceito de self na obra freudiana (Blum, 1982; Meissner, 1986; Ticho, 1982 cit. por Guanes & Japur, 2003).

No campo Psicanalítico, o Ego é o conceito mais utilizado, ao invés de self. Vemos como na Psicologia do Ego, na teoria das relações objectais e na psicologia do self, ou seja, nas principais teorias psicanalíticas, o Ego remete para uma estrutura mental, como também para a experiência subjectiva individual de si mesmo, podendo ser o ego tido como self (Guanes & Japur, 2003). Por outro lado, segundo Hartmaan (cit. por Deurzen, 2015), a noção de ego está a referir-se “à própria pessoa”.

Além do mais, segundo Guanes e Japur (2003), as concepções propostas pelas teorias psicanalíticas apelam a uma divisão clara entre mundo interno e externo. Para as autoras, estas teorias são dualistas na sua constituição da subjectividade e do psiquismo.

No campo psicanalítico, especificamente com a teoria das relações objectais, Melaine Klein e Donald Winnicott são os seus principais representantes.

Klein adota o modelo estrutural proposto por Freud, assumindo a noção de inconsciente e a dimensão da sexualidade no desenvolvimento infantil e formação da personalidade. É a partir da internalização da figura materna (introjeção) que a criança vai desenvolver a sua própria representação de self. Através da relação objectal primária a criança adquire um sentido de si mesmo, de self separado e distinto da mãe. Em suma, a criança vai desenvolver a sua concepção de self, primeiramente, através de uma representação corpórea e depois com o conjunto de sensações e experiências percebidas como próprias (cit. por Guanaes & Japur, 2003).

Com Winnicott o rumo do pensamento psicanalítico altera-se, pois este volta-se para o estudo da identidade e do self, contrariamente ao estudo dos instintos e dos mecanismos defensivos do ego, distanciando-se da teoria freudiana e kleiniana. Para Winnicott (1993 cit. por Guanaes & Japur, 2003), a influencia do ambiente inicial da criança e da qualidade das suas relações primárias é fundamental para o processo de constituição do self. Na visão de Winnicott, decorrente do processo de desenvolvimento do bebé pode-se falar no em *verdadeiro self* (resultante de um ambiente contendor, produzido por uma *mãe suficientemente boa*) ou num *falso self* (resultante de experiências traumáticas) (Guanaes & Japur, 2003).

A Psicologia do self afastou-se da ortodoxia da Psicologia do Ego, tendo fundado as suas raízes no modelo psicanalítico proposto por Harry Sullivan (1953). Este foi o primeiro autor na Psicologia moderna a debruçar-se com inclinação sobre as relações interpessoais como sendo uma dimensão integral e fundadora do self. Este autor propôs que o self não existe como entidade individual mas em relação com os outros (cit. por Purkey & Stanley, 2001).

Segundo a American Psychological Association, a psicologia do self é (1) um qualquer sistema de psicologia focalizado no self e (2) a escola de teoria psicanalítica enfatiza a importância dos relacionamentos de um indivíduo com os outros para um desenvolvimento saudável e localiza a fonte de muitos problemas psicológicos na falta de responsividade dos cuidadores para com as necessidades emocionais da criança. Na terapia psicológica do self, o

terapeuta tenta construir um relacionamento empático com o cliente, em vez de manter uma distância emocional como na prática psicanalítica clássica [APA, 2007].

Heinz Kohut (1988, cit. Guantes & Japur, 2003) desenvolveu a noção de self e defendeu o seu lugar na teoria psicanalítica. O desenvolvimento do indivíduo depende da consolidação de um self, definido como uma estrutura supra-determinada, resultante das interações com o ambiente psicológico e independente do referencial estrutural freudiano. É atribuído um papel especial ao outro e que se repercute no desenvolvimento do self. No início do desenvolvimento, o outro não é visto como separado, mas antes como *objectos do self* que têm a função de atender às suas necessidades (Gabbard, 1998 cit. Guantes & Japur, 2003). Para Kohut (1988 cit. por Guanaes & Japur, 2003, p.138), o self não se constitui “o centro do nosso ser”, ou seja, donde decorreriam todas as iniciativas e experiências, mas antes de “um conteúdo da mente potencialmente observável” que se manifesta múltiplo através da observação psicanalítica.

Movimento humanista

O movimento humanista emergiu como reacção à sobre-influência dada ao behaviorismo (dimensão externa), enquanto simultaneamente apresentava uma reacção ao determinismo do inconsciente (dimensão interna) (Macedo & Silveira, 2012).

“O self é o coração da psicoterapia humanista” (Purkey & Stanley, 2001, p.473). Iniciado com trabalhos de Lewin (1935) e Goldstein (1939), continuando com Maslow (1954, 1956), Lecky (1945), Murphy (1947) e culminando com o trabalho clássico de Carl Rogers, o self tem vindo a tornar-se um ingrediente central na compreensão da existência humana e uma chave para a ajuda profissional (cit. por Purkey & Stanley, 2001).

O self pode ser definido como “a totalidade de um complexo dinâmico, e organizado sistema de crenças aprendidas que o indivíduo sustem como sendo verdade acerca da sua existência pessoal” e é este self que providencia consistência à personalidade humana and permite que o indivíduo mantenha um ponto de referencia para os antecedentes e consequências das percepções e comportamentos (Purkey & Stanley, 2001, p.476).

Este movimento foi representado por Rogers (1959) e Bugental (e.g. 1978, 1987, 1990) e foi fortemente influenciado pelo Existencialismo e a Fenomenologia.

Estas novas visões renovaram o interesse nos estudos das forças motivacionais internas e dos processos afectivos, tendo surgido constructos como autoestima, autoconceito, etc (Macedo & Silveira, 2012). Na visão da Stanley B. Klein (2014, p.3), a Psicologia desenvolveu a noção de self numa abundância de relações com um predicado, como se pode ver nas denominações em inglês (e.g. *self-concept*; *self-esteem*, *self-image*, *self-perception*, etc.). Nesta visão, procuram-se características universais e estáveis no tempo. Concomitantemente, o papel central do self é assumido nos modelos de personalidade.

Interaccionismo, construcionismo e construtivismo

Durante o início do século XX, Charles Cooley (1902 cit. por Macedo & Silveira, 2012), introduziu a metáfora do self que se olha ao espelho, de maneira a ilustrar a ideia de que o sentido de self individual é, inicialmente, formado a partir das percepções de como os outros o percebem. Ou seja, as reacções dos outros são como reflexos de um espelho e o próprio retira para construir o seu sentido de self. Com Margaret Mead (1934 cit. por Macedo & Silveira, 2012), em *Mind, Self and Society*, o self é definido através das relações com os outros significativos, levando assim a uma concepção de identidade mutável, que emerge e muda ao longo do tempo.

No interaccionismo simbólico, o self diferencia-se em duas dimensões: o “mim” e o “eu”. Um reflecte a ênfase no nível individual e o outro no plano social. O mim contém todas as perspectivas sobre si mesmo que o indivíduo aprendeu através dos outros. Por outro lado, o eu remete para “a conversa interna” que está incessantemente a ocorrer (McCall & Simmons, 1996 cit. por Macedo & Silveira, 2012).

No curso do movimento pós-moderno, surgem teorias como o construcionismo e o construtivismo (Macedo & Silveira, 2012). A ideia subjacente ao construcionismo, mesmo nos suas diferentes teorias internas, é a de que as pessoas dão sentido ao mundo e às suas próprias acções através das práticas discursivas das quais depende o self. No fundo, esta abordagem foca-se na linguagem e na narração e no self como construção, definido a cada momento de um interacção pela forma como as pessoas se descrevem a si mesmas e como os outros as descrevem (Gergen, 1991; 1994; Harré, 1998; Harré & Van Langenhove, 1999a; Potter & Wetherell, 1996; Shotter, 1998; 2000 cit. por Guanaes & Japur, 2003).

Com o construcionismo, o self pode ser entendido como discurso situado culturalmente, a linguagem é entendida como constitutiva (e não representativa) que destaca a importância do relacionamento eu-outro (Guanaes & Japur, 2003), distanciando-se assim do self como estrutura cognitiva privada e pessoal (Macedo & Silveira, 2012).

Neurociências

“A consciência, no seu plano mais simples e básico, permite-nos reconhecer o impulso irresistível para conservar a vida e desenvolver um interesse por si mesmo. A consciência, no seu plano mais complexo e elaborado, ajuda-nos a desenvolver um interesse por outros si mesmos e a cultivar a arte de viver”

António Damásio, *O Sentimento de Si* (1999, p.24)

Temos vindo a assistir a um progresso considerável na tentativa de descrever as bases cognitivas e neurológicas dos aspectos materiais do self (Klein e Gangi, 2010 cit. por Klein, 2014, p.3).

No campo das Neurociências, António Damásio (1999), na obra *O Sentimento de Si*, afirma que o sentimento de um self é uma parte indispensável da nossa mente consciente. Para o autor, quando lemos um texto, ouvimos uma melodia ou agarramos numa chávena de chá quente há uma constante, como que uma calma e subtil presença do self na vida consciente. Por exemplo, estamos presentes no momento em que bebemos um café sem nos preocuparmos com a proveniência desse café. E, para o autor, este “âmbito mínimo permite-nos a percepção do eu” (Damásio, 2010, p.212).

Por outro lado, na visão de Damásio, nesta experiência há o sentido de que um eu está a realizar essa acção, de que os objectos estão a ser apreendidos numa perspectiva pessoal. Assim como os pensamentos, que pertencem a um “mim e não são partilhados (1999 cit. por Gallagher & Zahavi, 2008, p.202).

Para Damásio (2010), a consciência e o estado de vigília não são o mesmo, pois estar acordado constitui-se num pré-requisito para se estar consciente. A consciência não é um monólito. Podendo os níveis de consciência flutuar ao longo do dia e com a situação entre

duas dimensões da consciência: *a consciência nuclear* (“*core consciousness*”) e *consciência alargada* (“*extended consciousness*”).

A *consciência nuclear* remete para a percepção do aqui e agora, “sem estorvo por parte de muito do passado e com pouca ou nenhuma influência do futuro”. Gira em torno do eu nuclear e tem a ver com a personalidade mas não necessariamente com a identidade. Esta consciência não exige linguagem e deverá tê-la precedido. A *consciência alargada ou autobiográfica* é de um âmbito mais vasto. É dominada tanto pelo passado já vivido como pelo futuro antecipado. Tem a ver tanto com a personalidade como com a identidade. É regida pelo eu autobiográfico. Depende profundamente da linguagem (Damásio, 2010).

Damásio (2010) propõe três estádio do eu: *proto-eu*, *eu nuclear* e o *eu autobiográfico*. O primeiro remete para um plano mais simples, de aspectos relativamente estáveis no organismo e cujo principal produto são os sentimentos espontâneos do corpo vivo. Tratando-se de uma plataforma razoavelmente estável e com uma fonte de continuidade. O eu nuclear resulta de uma relação entre o organismo (tal como representado pelo proto-eu) e qualquer parte do cérebro que represente um objecto-a-ser-conhecido. O resultado é o eu nuclear. A terceira fase permite que objectos múltiplos, anteriormente registados como experiência vivida ou como futuro antecipado, interajam com o proto-eu e produzam uma série de pulsos do eu nuclear. O resultado é o eu autobiográfico - que só pode ser construído se primeiro houver um eu nuclear. Estas três fases são construídas em espaços de trabalho cerebrais separados mas coordenados.

No plano do eu nuclear, a narrativa não-verbal desses fenómenos que ocorrem continuamente representa de forma espontânea, na mente, o facto de que existe um protagonista a quem estão a acontecer determinadas coisas. Este protagonista é o eu material. A representação na narrativa não verbal simultaneamente gera e revela o protagonista, liga a esse protagonista as acções que estão a ser produzidos pelo organismo e, a par do sentimento criado pela ligação ao objecto, desenvolve também uma sensação de posse e de capacidade de acção. O eu chega à mente sob a forma de imagens que contam sem cessar, formalmente, esta mesma história (Damásio, 2010).

Há uma autobiografia consciente que é composta pelo eu autobiográfico. De que é feita a autobiografia? Da totalidade das nossas experiências, como também os planos que

fazemos para o futuro e as recordações pessoais que a compõem. Nelas, nas autobiografias, estão incluídas também as experiências sociais das quais fizemos parte ou das quais gostaríamos de ter pertencido, incluídas estão também as experiências emocionais. Assim, o eu autobiográfico faz uso de toda a história que fomos capazes de memorizar e que pode ser algo recente ou antigo (Damásio, 2010, p.263).

“O eu autobiográfico leva uma vida dupla” (Damásio, 2010, p.263). Por um lado, pode apresentar-se explicitamente, compondo a mente consciente na sua forma mais grandiosa e humana; por outro, pode ficar latente, com os seus inúmeros componentes à espera de vez para se tornarem activos. Essa outra vida do eu autobiográfico desenrola-se nos bastidores, longe da consciência acessível, e é provavelmente aí que o eu amadurece, graças à sedimentação gradual e à reformulação da nossa memória (Damásio, 2010).

À medida que as experiências vividas são reconstruídas e representadas, quer numa reflexão consciente, quer num processamento não-consciente, a sua essência é reavaliada e inevitavelmente reagrupada, modificada ao de leve ou em profundidade, no que respeita à sua composição factual e ao acompanhamento emocional. Durante este processo, as entidades e os acontecimentos adquirem um novo peso emocional (Damásio, 2010).

Porque é que os factos podem adquirir um significado novo? Porque é que a música da memória pode soar diferente hoje daquilo que foi à um ano? À medida que os anos passam, a nossa história pessoal vai sendo subtilmente reescrita. Há uma tarefa de construção e reconstrução, com lugar no processamento não consciente, mas também pode surgir na consciência. Pelo caminho, há imagens da recordação que são recuperadas, retomadas e realças, ou então são perdidas. Outras, podem ainda ser combinadas de forma habilidosa, pelos desejos, pelo acaso - criando assim cenas novas, que nunca existiram (Damásio, 2010).

Invocamos, por fim, Daniel B. Sleeth (2006; 2007), segundo o qual, o conceito de self é aquele que, dentre todos os conceitos da Psicologia, talvez tenha a história mais longa e controversa, que encaminha para uma ambiguidade. Actualmente, o self passou a significar multiplicas coisas, de tal forma dispares e múltiplas que se tornou difícil significar algo. Nos dias de hoje, não existe nenhuma teoria que integre todos os vários significados do conceito de self.

Aqui chegados, depois de se percorrer um caminho que visou pôr em perspectiva algumas teorias do self na psicologia e a sua evolução, pretendemos agora não deixar de parte a ligação entre self e identidade, bem como a ponte entre narrativa e sentido.

Self e identidade

A literatura sobre o self é massiva e confusa. Existe também redundância entre termos e conceitos como self, identidade, temas da identidade, que se juntam em híbridos: “ego identity” ou “self identity”. Encontram-se referências ao self como sendo o indivíduo, a mente ou mesmo algo como um destino metafísico (Spruiell, 1995, p.430).

Questionamos: Self e identidade são noções divergentes ou, por seu turno, podem ser compreendidas como similares? O que aproxima ou afasta estes conceitos?

As noções de self e identidade surgem próximas uma da outra quando se considera uma abordagem narrativa (Vieira & Henriques, 2014). Inclusive, por vezes, tratados como a mesma noção (“self/identity”). Porém, outros autores, como é o caso de McAdams (2001), entendem a identidade como uma qualidade do self. Muito embora, outros autores nesta linha de pensamento, considerem a relevância em tecer diferenças. Por seu turno, outros autores como Hermans e Kempen (1993 cit. por Vieira & Henriques, 2014) defendam que as noções de self e identidade possam ser reunidas no conceito que William James (1890) formulou sobre o self, para quem tal como já foi mencionado no início deste capítulo, self e identidade surgem reunidos/aglutinados tanto no sentimento de unidade e constância que caracterizam o “I” (“eu”) como na multiplicidade de auto-imagens que compõem o “me”(mim) (cit. por Vieira & Henriques, 2014).

Recentes teóricos da personalidade têm ainda conceptualizado o “self-identidade” como uma série de scripts desenvolvidos através das experiências, com memórias individuais desde o passado actuando como uma semente em torno da personalidade que cresce (Singer & Salovey, 1993; Tomkins, 1987 cit. por Beike & Niedenthal, 1998, p.75).

Narrativa e sentido

Porque é que o encontro psicoterapêutico pode ser um facilitador na busca e encontro do sentido?

O significado pessoal é um conceito central, sobretudo, nos escritos da escola existencial (e.g. Maddi, 1970; Weisskopf-Joelson, 1968 cit. por Korotkov, 1998). Vitor Frankl (1963) argumenta que viver à procura de um sentido, um significado, é uma necessidade humana ou um motivo fundamental que forma as fundações da existência humana.

Qualquer consideração sobre o significado pessoal na vida deve confrontar-nos, em algum ponto, com pensamentos temporais sobre o self, esse si mesmo. Pensar sobre as “estradas à frente” e “estradas atrás”. O sentido das vidas de cada um está associado à forma como se pensa o self ao long do tempo, nas questões “quem sou eu? Quem é que eu fui?

De que modo é que estas questões se ligam uma à outra? (Beike & Niedenthal, 1998, p.71). Por exemplo, Freud (1935/1969) e Adler (1907/1964) encaram o tempo passado do self como determinante no conteúdo e avaliação do self presente - “the past self continues to exist in the structure of the present self” (cit. por Beike & Niedenthal, 1998, p.75).

Uma característica distintamente humana é a luta por um sentido significante e um propósito de vida:

“What is worthwhile to my life? What is interesting? What is true? What is worth doing?
What do I want from life? What gives my life purpose? Who are the persons who provide
meaning for me in life” (Fry, 1998, p.91).

Procurar responder a estas questões, procurar um significado, parece ser algo enraizado na natureza humana (Wong, 1998, p. 111): “qual é o propósito de estar aqui? Existe algum sentido último da existência humana? O que acontece quando alguém morre? (...) Como se pode viver uma vida significativa, cumprindo?”.

Como é que construímos um sentido estruturado, e que nos satisfaça? Segundo os autores, procuramos um significado nos eventos tributáveis da vida na mesma senda com que o procuramos na vida em geral (Sommer & Baumeister, 1998). Baumeister (1991 cit. por Sommer & Baumeister, 1998) propôs que a busca humana de uma vida significativa é moldada por quatro necessidades de sentido (*needs for purpose*), aqui convocadas para explicar as actividades de construção de significado da vida cotidiana (Baumeister & Newman, 1994 cit. por Sommer & Baumeister, 1998): (1) um senso de propósito na vida, (2) eficácia, (3) valor e (3) auto-estima.

As histórias de vida comunicam uma riqueza de informação em relação à forma como as pessoas dão sentido às suas experiências e contrabalançam a perda de sentido nas suas vidas (Sommer & Baumeister, 1998, p.144). Os mesmos autores desenvolveram um estudo em que exploraram as quatro necessidades de sentido/propósito usando a narrativa autobiográfica, cujos indivíduos descreviam eventos precedidos e seguidos de resultados importantes nas suas vidas, verificando-se que a construção de narrativas proporcionam aos indivíduos a oportunidade de reestruturarem eventos na memória de formas que se reflectem positivamente no self e adicionam um sentido de coerência e estabilidade em relação ao que eram visto inicialmente como um aleatório e inexplicável mundo (Sommer & Baumeister, 1991). Porquê? Segundo os autores porque “o significado da vida é frequentemente representado e relatado na forma de uma história” (p.145). As histórias de vida geralmente reflectem mais do que um tipo de significado/sentido.

Ainda neste sentido, uma meta-análise desenvolvida em 2016 sobre a experiência dos clientes em psicoterapia, mostra-nos que duas das categorias evidenciadas, como sendo essenciais para a dinâmica do processo terapêutico acentuam o benefício do processo holístico da reflexividade - isto é, o desenvolvimento da consciencialização de si e o auto-desígnio - providenciando a compreensão de si próprios e o desenvolvimento de narrativas que encerram novas formas de entendimento, de significados, e de ser-no-mundo. Tais mecanismos motivam o paciente/ cliente a participar na terapia e a manter a “postura” de análise reflexiva do self. Além disso reportam que a análise dos seus pensamentos-padrão e convicções ajudam a identificar novas opções e horizontes, reforçando na identidade a existência da possibilidade de futuro (Levitt, Surace & Pomerville, 2016).

CAPÍTULO II: O PENSAMENTO DE PAUL RICOEUR

Lembremos o leitor do horizonte prometido ao falar do filósofo Paul Ricoeur: a hermenêutica do si e a Identidade Narrativa, aliada à compreensão das dimensões da narração. A exposição destes temas está engendrada também em apontar para uma direcção, que visa ir escutando as reverberações causadas no âmbito da Psicologia, de um ponto de vista mais lato, mas também nas psicoterapias, na forma como entendemos o sujeito e o encontro terapêutico. Subjacente está, pois, uma proposta interpretativa do pensamento de Ricoeur, dentre todas as outras que me escapam à possibilidade por ser eu e não outro a olhar.

1. O CAMINHO DE PAUL RICOEUR

A inserção da hermenêutica na fenomenologia

Foi nos anos 60 que Ricoeur, juntamente com Gadamer, protagonizou uma viragem epistemológica da hermenêutica, tornando-a numa das mais inovadoras propostas no panorama da segunda metade do século XX (Heleno, 2001).

A hermenêutica defendida por Paul Ricoeur sofre uma evolução desde a sua posição inicial, libertando-se da sua concepção primeira, como interpretação amplificadora de expressões simbólicas, e da formulação de uma autocompreensão mediada por signos, símbolos e textos. Através da narrativa, o caminho de Ricoeur desenhou-se como uma hermenêutica do si (Ricoeur, 1995a).

Foi nos anos a seguir à guerra que Ricoeur trava uma batalha singular que visava integrar no seu pensamento a tradição reflexiva (herdeira do cogito cartesiano) a filosofia da existência de Gabriel Marcel e Karl Jaspers, bem como a fenomenologia de Husserl (Villaverde, 2003).

É na obra “Do texto à acção” que Paul Ricoeur fala em três heranças: na filosofia reflexiva, na fenomenologia e, por fim, na hermenêutica (Villaverde, 2003). Ricoeur (1987) propõe-nos um enxerto da Hermenêutica na Fenomenologia. É em nomes como Schleiermacher, Dilthey, Heidegger e Gadamer que o nosso autor funda os seus alicerces na Hermenêutica. O mesmo se passa na Fenomenologia com Husserl; e no caso da tradição reflexiva as referências vão desde Nabert a Fichte, Kant até Descartes.

Apesar de Paul Ricoeur construir o seu pensamento através do diálogo com estes pensadores, nem sempre concordou com eles. Exemplo disso é a última etapa da fenomenologia de Husserl (que desemboca no idealismo), do qual acaba por discordar Ricoeur (Villaverde, 2003).

A proposta de Paul Ricoeur para a compreensão de si encontra-se a uma grande distância da proposta fenomenológica e Heideggeriana, cujo *Dasein* é ele mesmo lugar de manifestação. Com o nosso autor é preciso fazer um amplo desvio, uma via longa, cuja compreensão de si é mediatizada pela compreensão dos signos, dos símbolos, dos textos através dos quais se exprime o ser do homem, numa dialéctica na qual o Homem necessita de se distanciar para se reapropriar da sua ipseidade (Villaverde, 2003).

Em 1985, Paul Ricoeur havia desenvolvido o solo, trabalhando em profundidade e horizontalmente, em três volumes intitulados *Temps et Récit*, com traduções para o português em 1994, 1995 e 1997, respectivamente. Segundo o autor (1995a), o volume I é dedicado à historiografia e é onde desenvolve a *tripla mimesis* (prefiguração, configuração, refiguração), o II à teoria literária ao nível ficcional e por último, no III volume, nas suas últimas páginas, Ricoeur lançou aquilo a que chamou de “rebento frágil”, para referir-se à *Identidade Narrativa* - “o frágil rebento oriundo da união da história e da ficção é a atribuição a um indivíduo ou a uma comunidade de uma identidade específica que podemos chamar identidade narrativa” (Ricoeur, 1985, p.424).

Foi este rebento que viria a crescer com uma inclinação original no livro que se seguia, em 1990, *Soi-même comme un Autre*. Obra esta que foi o culminar de um percurso filosófico fortemente marcado pelo diálogo com outros pensadores, bem como pelos estudos desenvolvidos em 70 e 80 sobre a filosofia analítica (Heleno, 2001).

A obra *O Si-mesmo como um Outro* (1990) é guiada pela questão “quem?”, distanciando-se das questões “o quê?” e do “porquê”. É através do quem que podemos interrogar “quem fez o quê?” e “porque é que alguém o fez?” (Heleno, 2001). Para Ricoeur (1990a), a constituição ontológica do “homem capaz” implica quatro dimensões fundamentais do testemunho do si próprio no mundo: a linguagem, a acção, a narrativa e a ética. Assim, a questão crucial em Ricoeur é: Quem? Que se desdobra em quem fala?, Quem age?, Que conta? e, por último, Quem é o sujeito moral da imputação? (Heleno, 2001).

Se com a identidade pessoal estamos perante a aporia do reconhecimento de nós próprios ao longo do tempo, com a identidade narrativa apresenta-se uma via para a solucionar (1990). O que é a identidade narrativa? É o tipo de “identidade à qual um ser humano acede graças à mediação da função narrativa” (Ricoeur, 1988, p.1).

2. PAUL RICOEUR E A PSICOLOGIA

Vida e narração, eu e si

O enlace entre vida e narração acompanha o Homem desde o seu nascimento até à sua morte, por via da “história de uma vida” (Ricoeur, 2006, p.9). Não será, talvez, neste intervalo que somos capazes de questionar: quem sou eu? Eu que me quero pensar? Não será a psicoterapia um espaço privilegiado para a emergência desta questão?

Desde logo, a pequena palavra “eu” se adensa e ascende numa nuvem de pensamentos: eu, quem? Com Paul Ricoeur (1990a), somos desviados por diversas vias de um caminho imediato, ou seja, de um eu conhecedor de si próprio na sua razão absoluta e fechada. Tal como é expressão, por exemplo, a máxima socrática “conhece-te a ti mesmo” que ainda interpela o pensamento contemporâneo (Leão, 2006a) e a visão de um cogito cartesiano e Kantiano, “visto como agenciamento fundador da verdade” (Ricoeur, 2006, p.127). Ainda neste campo, Ricoeur (1990a) permaneceu desde sempre atento à crítica do sujeito, egoísta e narcisista, levada em frente pelos pensadores da hermenêutica da suspeita. Afinal, onde se situa Ricoeur? Entre dois excessos, uma vez que há em Descartes e Nietzsche o mesmo exercício de dúvida hiperbólica (Heleno, 2001).

Numa entrevista (concedida a Gwendoline Jarczyk, 1991 cit. por Heleno, 2001), Ricoeur diz-nos que, com a obra “O si-mesmo como um Outro” (1990), se quis afastar de toda uma tradição filosófica, levada a cabo por Descartes, Kant, Fichte ou Husserl, que se debruçaram sobre o “eu” na sua imediaticidade. O nosso autor troca o ego, senhor de si mesmo, pelo si (Villaverde, 2003).

Paul Ricoeur (1990a) defende a mediação reflexiva em relação à posição imediata do sujeito. Notemos como na própria língua, o si, enquanto si-mesmo, está inscrito sob a forma reflexiva - ou seja, o eu surge de forma mediada através do si e vice-versa. Nesse sentido, o projecto de Ricoeur é demarcar-se da visão cartesiana e da sua tentativa em conferir um “eu”

desenraizado a uma primeira certeza e a uma identidade sem história (Heleno, 2001).

A Psicologia, com as suas origens nas raízes da Filosofia, num tronco comum, inseparável, vê as concepções filosóficas sobre o Homem influenciarem a compreensão do self ao longo do tempo (Oliveira, 2006; Souza & Gomes; 2009 cit. por Macedo & Silveira, 2012). Mas que seiva corre hoje nas suas teorias do self, do ego, da consciência? Será que nos situamos num paradigma cartesiano ou afastámo-nos dele? Até que ponto continua este tema a interpelar o pensamento contemporâneo na Psicologia?

Deixemos em aberto as questões lançadas decorrentes, e do que até então se apresentou do pensamento ricoeuriano, e continuemos a compor a nossa tapeçaria com o pensamento do nosso autor. Fazemo-nos vento, indo na direcção da afirmação engendrada por Muriel Gilbert (2001), ao dizer-nos que com o *O Si-mesmo como um Outro* (1990a), os psicólogos clínicos têm à sua disposição uma nova abordagem de encarar a pessoa humana.

Se até aqui já falámos na distinção entre o “eu” e o “si”, olhemos para o título “O si-mesmo como um Outro” (1990), pois nele estão contidas as duas restantes intenções filosóficas. Afinal, quem é o “si-mesmo”? Quem é o “Outro” a que Ricoeur apela?

Identidade, duas dialécticas

Há uma dupla perspectiva em que a identidade pode ser glosada, cuja distinção é constitutiva da própria noção de si (Ricoeur, 1995a). A identidade como *mesmidade (idem)*, do mesmo e idêntico, e a identidade como *ipseidade (ipse/ipseidade)* (Villaverde, 2003). É a dialéctica entre mesmidade e ipseidade, que constrói o si-mesmo e que transparece a identidade narrativa. A identidade do sujeito é definida por aquilo que ele próprio narra, sendo que o que é narrado também deriva da identidade do sujeito. Segundo Ricoeur (1990a), é a dialéctica entre ipseidade e mesmidade presente na narrativa que mais define e constrói a identidade pessoal do sujeito.

Se a mesmidade remete para as características do sujeito falante e actuante, a ipseidade caracteriza o sujeito que é capaz de se designar a si próprio, como aquele que é autor de palavras e acções, um sujeito não substancial e não imutável, mas responsável pelos seus dizeres e fazeres (Ricoeur, 1995a).

Esta distinção diz respeito à forma como a identidade se relacionada com o tempo, ou seja, com os dois modos de preservar e manifestar a permanência no tempo de um núcleo pessoal: segundo a mesmidade ou segundo a ipseidade (Ricoeur, 1995a).

É esta relação entre mesmidade e ipseidade que Ricoeur chama dialética. Todavia, há ainda uma outra dialética complementar: a ipseidade e alteridade (Heleno, 2001). Estamos, portanto, perante duas dialéticas da identidade.

Para Ricoeur (cit. por Leão, 2006b), a dialética entre o si e o outro não pode ser compreendida senão como uma implicação, mais do que uma comparação.

Em suma, “O desvio pela dialética do mesmo e do outro converge para o campo da fenomenologia hermenêutica do si”, segundo Ricoeur (1995a). Existem duas intrusões do outro que a hermenêutica tem de lidar.

O tempo da narração

Em *Tempo e Narrativa* é desenvolvida a teoria da narração que vem mediar duas dimensões do tempo: de Agostinho e Husserl a perspectiva de um tempo fenomenológico e psicológico, por um lado, e de Aristoteles, um tempo cosmológico, por outro. De que forma é que Ricoeur vem mediar os paradoxos da apreensão do tempo? Através da sua proposta de um terceiro tempo - o tempo da narração. Com efeito “não se pode pensar o tempo, senão narrando-o” (Leão, 2016, p. 102). É por isso que Ricoeur apelida a narração de “guardiã do tempo”, como veremos mais à frente (1985).

Sem a articulação narrativa, a nossa experiência do tempo perder-se-ia nos paradoxos que constituem o tempo. Ricoeur (1987), fala-nos, por exemplo, da diferença entre o tempo dos mortais e o tempo dos movimentos siderais ou ainda da desproporção entre um tempo com passado, presente e futuro, um tempo que através da atenção, da memória ou antecipação se estrutura. Ou ainda pelo tempo presente, essa sucessão de instantes que são apenas “cortes virtuais na continuidade da mudança”. Estamos, pois, perante uma aporética do tempo que a narração articula. Neste sentido, o tempo é articulado narrativamente e que sem ela este seria uma aporia entregue a si mesma (1987).

Segundo Ricoeur (1985a), em *Tempo e Narrativa* (III), o sujeito adquire a sua identidade a partir do momento em que é capaz de contar uma história, onde o tempo assume um papel importante na função narrativa histórica e de ficção (Villaverde, 2001). A função narrativa fornece uma organização interna estrutural (configuração), através da intriga, e

simultaneamente, apela à reorganização da nossa experiência temporal (refiguração) (Heleno, 2001).

Porque é que a narração é a “guardiã do tempo”, como nos diz Ricoeur em “Tempo e Narrativa” (III)? Se com Santo Agostinho ficamos limitados ao tempo psicológico, fenomenológico, da alma - ou seja, o tempo reduz-se à maneira como cada um vê - com Aristóteles, estamos perante o tempo da natureza, cosmológico, uma sucessão de instantes. Ora, o que é que nos diz a narração de Ricoeur? É através da narração que conjugamos o tempo subjectivo com o tempo cronológico. Deste modo, o tempo só pode ser dito, verdadeiramente, sendo narrado.

Em *Tempo e Narrativa* (I), escreve Ricoeur: “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e a narrativa atinge o seu pleno significado quando se torna numa condição da existência temporal”.

Narração e identidade

Porque é que a narração é o nível mais apropriado à investigação da dialéctica entre a identidade-idem e a identidade-ipse? “Resulta do facto da narrativa apreender o discurso e o seu locutor, as acções e o seu agente”, responde-nos Paul Ricoeur (1995a, p.29). Ou seja, tal como sugere o segundo estudo de *O si-mesmo como um Outro* (1990), o sujeito não cessa de se autodesignar, a partir de um corpo, remetendo para o discurso o que age e, ao mesmo tempo, a linguagem inscreve-se na acção. Deste modo, como diz Heleno (2001), Ricoeur põe em destaque o sujeito que diz “eu” e que “fala”, que atesta a sua presença na interlocução, alguém que age e possui um corpo.

Diz-se, dizemos, com a naturalidade com que a sede de quem bebe a água, que viver e narrar estão ligados. Mas de que forma se ligam? Quando entrei para Psicologia e para o universo imaginado do “microcosmos” do que seria uma psicoterapia, esse encontro face-a-face, debatia-me com um pensamento: como posso eu conhecer uma pessoa, se a retiro do contexto, das figuras que a rodeiam, dos seus pares, e apenas tenho aquilo que me transmite? Que acesso tenho àquela pessoa? Esta questão transporta-se para esta: como é que o paciente se revela na identidade narrativa?

A palavra é fundamental em psicoterapia. A linguagem como veículo para dizer a acção e para tomar consciência de si. Por isso, urge perguntarmos: o que é narrar? De que é feita a narração? O sujeito que chega diante de nós, nós psicólogos, poderá ele afirmar-se,

dizendo quem é, através do que nos conta? Que valor tem essa narrativa na afirmação de si? Através de Paul Ricoeur, respondemos afirmativamente. Vejamos como.

Composição da história e aspectos da narração

A composição de uma história é criação de sentido (Villaverde, 2003). Como é que criamos sentido ao falar? Através da construção de uma intriga (Ricoeur cit. por Villaverde, 2003). Ou seja, à arte de compor uma história o nosso autor denomina configurar uma intriga (Leão, 2016). O que é uma intriga? O nosso autor socorreu-se da *Poética* de Aristóteles (1968/2015) para falar-nos da intriga, que vem do grego *mythos* e que significa ao mesmo tempo fábula (enquanto história imaginada) e trama (no sentido de história bem construída) (Ricoeur, 2006).

Para Aristóteles (1968/2015), a intriga não é uma estrutura estática. Trata-se de um processo integrador que só alcança a sua plenitude no leitor. Como nos diz Ricoeur (2006, p. 10), “no receptor vivo da história narrada”. De que forma é que se trata de um processo integrador?

É um processo integrador porque a ele está subjacente um trabalho de composição (Ricoeur, 2006). É a forma como cada um de nós vai enlaçar, ligar os factos, ou seja, compor, que dota a história de uma singularidade, com uma identidade - singular e completa.

Podemos, então, interrogarmo-nos: será que a história que o paciente/cliente nos conta é uma descrição da sua experiência e que ele é capaz de ligar e por isso tornar-se numa história que lhe confere uma identidade? Afinal, de que se constitui a história que os pacientes/clientes nos contam?

A construção de uma intriga pode ser definida como uma síntese de elementos heterogêneos, que une, organiza e sintetiza os acontecimentos num todo inteligível. Trata-se de uma síntese entre os acontecimentos ou as múltiplas sucessões. Com a intriga obtemos uma única história, com um todo, que envolve um princípio, um desenvolvimento e um fim. (Ricoeur, 2006).

Começamos por distinguir narrar e descrever (Ricoeur, 1990). Narramos as acções, o fazer. Descrevemos as situações, os objectos e as personagens (Leão, 2016). Segundo Aristóteles (1968/2015), a história enquanto intriga é a “imitação de uma acção” (*mimesis praxeos*). A acção diz-se, ou seja, o agente designa-se a si mesmo ao falar e ao agir (Helena,

2001). Ou seja, a história que os pacientes/clientes nos trazem não são meras descrições e as acções narradas implicam sempre um quem subordinado. Pelo que, como sugere Heleno (2001), reflectir sobre a acção é poder analisar como se encadeiam as questões do quê?, o porquê? e o quem?.

A narrativa, para Ricoeur (1995, p.121), constitui-se como um cruzamento entre: “a composição narrativa, que opera ao nível textual; a acção humana é imitada pela narrativa e, finalmente, a história é o que a narrativa relata”

“Faz da própria vida um tecido de histórias narradas” (1985/1997, p.425)

Aqui chegados poderíamos dizer “as histórias narram-se, a vida vive-se” (Ricoeur, 2006, p.15), como se de um abismo se tratasse. Mas será mesmo assim?

Segundo Ricoeur, há uma *estrutura pre-narrativa da experiência* humana (Ricoeur, 2006, p.18), é graças a ela que temos o direito de falar da vida como uma história em estado nascente e, por isso, da vida como uma actividade e uma paixão em busca de um relato.

Ricoeur (2006) fala-nos em *pre-histórias da história* que parecem aludir aos fragmentos de histórias, enredos, relatos, sonhos, pequenos pensamentos que se atravessam, ou seja, “no emaranhado de histórias”, neste caso, escrevemos nós, dos pacientes/clientes. Todavia, estes emaranhados, no fundo, visam inscrever-se num todo maior - na história de uma vida que não cessa de se configurar e reconfigurar. Além do mais, dá-nos conta também que as histórias narradas emergem de antecedentes, remetendo assim para um sujeito implicado.

Chamamos *referencialidade* à mediação entre o homem e o mundo, *comunicabilidade* à mediação entre o homem e o homem e a *compreensão de si* à mediação entre o homem e o si mesmo (Ricoeur, 2006).

A nossa vida não é feita apenas de um relato, mas tão somente de mil e um relatos/discursos e reconstruí-los é justamente poder saber mais sobre nós mesmos, encontrando assim um sentido para o existir (Villaverde, 2003). As psicoterapias mostram como as histórias de vida podem ser alteradas pelas narrações que sucessivamente vão sendo criadas (Leão, 2016).

Ou seja, há uma história em aberto, continuamente. Por isso, nenhum homem se apresenta concluído, monólito, numa mesmidade encarcerada em si no tempo que corre. O homem é antes abertura.

Imaginação e narrativa

Gostaria ainda de trazer um ponto que é pedra-de-toque também na obra ricoeurinana, a saber, a componente da criatividade, não só na linguagem, mas da própria acção (Ricoeur, 1987). Na função mimética da intriga em relação ao mundo da acção vemos como o sujeito pode ser criativo na própria construção dos factos, desde logo, pelos acontecimentos de que selecciona, pela maneira como liga as personagens, como as situa, etc. E assim nos damos conta como a linguagem narrativa não está fechada sobre si própria, nem mesmo quando se pretende que seja um relato histórico.

Então, o que é que é uma história? Trata-se de uma mera *mimese*? Ricoeur (1987) avança dizendo-nos que a mimesis não é uma simples imitação, cópia ou réplica. É justamente por existir uma dimensão de reorganização dos factos que situamos a linguagem narrativa criativa (refiguração). Desta forma, podemos asseverar que o relato que os pacientes/clientes nos trazem são reveladores do seu mundo, de si próprios, numa narrativa singular. É por haver esta possibilidade, situada entre a configuração e a refiguração, que o passado se pode reescrever de outras formas e não apenas numa única leitura.

Narrativa histórica e narrativa de ficção

Se a história se se tratasse apenas de um relato da história, ou seja, uma narrativa histórica seria possível o eu revelar-se na identidade narrativa?

Para Ricoeur (2006), há uma bifurcação na narrativa: entra a narrativa histórica e a narrativa de ficção. As histórias verídicas ou fictícias que um sujeito conta sobre si próprio, ambas fazem parte da compreensão de si, refigurando incessantemente aquela que é “a história de uma vida”.

Além do mais, “explicar mais é compreender melhor”. A compreensão precede, acompanha e envolve a explicação e esta desenvolve a compreensão (Ricoeur, 1987, p.9).

Com a identidade narrativa, Ricoeur mostra-nos como a compreensão de si é inteiramente narrativa. Na medida em que compreender-se é retomar a história da sua própria vida. E o que é compreender? “Compreender essa história é torná-la narrativa, deixá-la guiar-se pelas narrativas, tanto históricas como ficcionais, que compreendemos e que amámos” (Ricoeur, 1987, p.13).

Tripla mimesis e o mundo do texto

Com Paul Ricoeur, contar uma história não termina no próprio indivíduo na composição ou *configuração*. Há o último lugar, o da *reconfiguração* da história através da intersecção do “mundo do texto” com o “mundo do leitor”. É justamente neste acto de leitura que se abrem as possibilidades de transfigurar a experiência (Ricoeur, 2006).

O mundo do texto remete para o âmbito literário, das obras, e constitui o lugar no qual cada um de nós, leitor, poderia habitar. O que, desde logo, suscita que “o texto não é uma entediado cerrado sobre si-mesmo”, mas é antes “a projecção de um novo universo distinto daquele no qual vivemos” (Ricoeur, 2006, p.15). De alguma forma, há um paralelo possível - contudo limitado, e que a Identidade Narrativa ultrapassa - ao podermos dizer que o espaço terapêutico é como a produção de um “texto”. Ou seja, um texto que o paciente escreve ao narrar, narrando-se, que faz de si narrador, personagem e leitor de si-mesmo. Todavia, a leitura maior, aquela capaz de providenciar horizontes outros, dá-se com o Outro, enquanto alteridade, neste caso, pensemos na imagem do terapeuta.

Alguém que ouve, alguém que segue uma história

Afirmámos que o acto de reconfiguração é crucial (Ricoeur, 2006). De que forma é que ele se dá? Através do acto de leitura. Não será que o terapeuta, por exemplo, através de uma pergunta, é capaz de “desarmar” ideias que até então eram lidas numa só direcção?

Neste processo, através do que Ricoeur (2006) chamou de “variações imaginativas” sobre o nosso próprio ego parece que o próprio é capaz de experimentar um caminho outro, é capaz de inflectir de um eu ao si, pensar-se, é um sujeito que se abre a um outro de si-mesmo nesta leitura da sua experiência narrada, afastando-se assim de uma identidade absoluta. Mas cujo caminho hermenêutico só termina com o outro, alteridade, colocando, desta forma, as duas dialécticas da identidade em jogo.

Um outro olhar voltado para o terapeuta

Mas se até aqui temos vindo a falar da perspectiva do paciente, gostava de gizhar que na proposta de identidade narrativa e encontro psicoterapêutico há também leitura outra. Ora, se o paciente se constitui não apenas com o outro de si, mas também através do terapeuta (alteridade), não será válido dizer que também o terapeuta se constitui através do paciente?

São, pois, as histórias narradas dos pacientes a oferta com que os pacientes nos põem em questão. Nesta acepção, ninguém é mais sabedor do que outro, não há degraus de

entendimento absolutos, o terapeuta não adivinha o horizonte do paciente. Há, todavia, um encontro entre duas pessoas, um encontro humano à maneira humana.

A responsabilidade do terapeuta

Nesta senda, não menos importante é a responsabilidade do terapeuta. Não estaremos nós a relevar um papel fundamental deste na constituição identitária do outro e vice-versa? Penso que as leituras ricoeurianas (e.g. 1985; 1990; 1995a; 2006) lembram-nos a nós, psicólogos, de outra dimensão fundamental que está porventura alicerçada às fundações de uma psicologia ética, mas que poderá ver-se toldada de outro modo quando por exemplo a par da pessoa olha-se a psicopatologia ou, pior, quando esta toma o rosto de alguém.

O rasto donde viemos e para onde vamos, conclusão

Para terminar, esta é apenas uma possibilidade de entendermos a Identidade e o que dela decorre. Trata-se agora de uma escolha pessoal onde nos queremos situar, referindo-me aos terapeutas que necessitam de um mundo-visão a sustentar a sua prática. Penso que com Paul Ricoeur há um apelo muito mais profundo ao diálogo, ao encontro e à noção de homem - que enriquece a Psicologia de um ponto de vista lato, mas diria que se coaduna mais proximamente de um quadro das Psicoterapias existenciais.

CAPÍTULO III: SELF PRÉ-REFLEXIVO, EXPERENCIAL OU MINIMAL

Shaun Gallagher e Dan Zahavi (2008) são dois dos nomes paradigmáticos que se apresentam na Filosofia contemporânea em defesa de um *Self pre-reflexivo, experiencial* ou *minimal*. Este tem sido posto em comparação, com o *self narrativo*, dele distanciando-se. Segundo Gallagher e Zahavi (2008) estas são as duas maneiras contemporâneas de conceber o self. Dan Zahavi baseia-se em nomes como Husserl, Sartre, Merleau-Ponty e Michel Henry para defender um self experiencial. Segundo autor, o que há de comum a estes pensadores fenomenologistas é o entendimento de que o self examina a estrutura da experiência e de que a experiência reforça o self (2007).

Gallagher discorda na totalidade com o projecto de um self narrativo, enquanto que Zahavi (2007) defende que os dois tipos de self podem coexistir, apesar de tender para o self pre-reflexivo.

Começo, desde já, por aludir ao facto de tomarmos self narrativo e self experiencial na sua generalidade. Isto é, os autores aqui em foco não são a representação única de cada um destes tipos de self, e.g. Ricoeur não é o rosto do self narrativo, tal como Zahavi não o é do self experiencial.

Todavia, dada a multiplicidade de entendimentos que existem e coexistem, tanto na Psicologia como na Filosofia, é preciso trilhar um caminho feito de escolhas. Nesse sentido, uma vez que foi tomado Ricoeur, na sua proposta de uma Identidade Narrativa para a Psicologia, é dele que partiremos no desenho que ora se apresenta de um self narrativo - que integra, a saber, toda a teoria que tem vindo a ser esplanada ao longo da presente tese. Na outra face, tomar-se-á em consideração, sobretudo, o pensamento de Zahavi, não excluindo a interface com outros autores que defendam a mesma posição.

O interesse em convocar estes nomes remete para a possibilidade de ouvir um Outro, apelando ao diálogo, que visa poder desenhar horizontes de entendimento. Além do mais, assumido o interesse pessoal numa perspectiva Fenomenológico-Existencial, e o facto da concepção de homem desta (enquanto ser-no-mundo) não tomar em consideração a constituição do aparelho psíquico tomado por Freud (sobretudo, com a ideia de inconsciente), leva-me a interrogar se esta será uma forma de compreender dimensões não reflexivas? Ou seja, poderá a dimensão pré-reflexiva, embora não correspondendo à noção de inconsciente, aludir a alguns zonas de convergência transpostas para uma visão existencial?

Conforme nos diz Gallagher (2001), a hermenêutica geralmente é entendida como a teoria e a prática da interpretação, que teve como ponto de partida os textos sagrados e legais. No século XX, a hermenêutica foi desenvolvida por Heidegger, Gadamer e Ricoeur.

Diz-nos Gallagher (2001) que, por exemplo, quando chegamos ao trabalho, não pensamos sobre a porta, abrimo-la. Estamos sentados, mas não estamos em relação com a cadeira ou os objectos de que nos rodeamos, os livros, a caneta. Ou seja, não contemplamos esta dimensões e, “distraidamente”, começamos a trabalhar com a atenção voltada para tal.

A proposta de Gallagher (2002) é que há uma consciência *pré-reflexiva* incorporada, que a hermenêutica procura desenvolver. Num lado, há a autoconsciência proprioceptiva e ecológica que remete para a ideia de que a percepção que um sujeito tem do mundo é, simultaneamente, pensada como informação sobre a sua própria posição no mundo. O self incorporado é a consciência não reflexiva. Por outro lado, temos a noção de *reflexão impregnada*, que remete para a consciência reflexiva dada na primeira pessoa que está imersa numa atitude intencional social e pragmaticamente contextualizada. Por exemplo, quando se pergunta “o que é que planeia fazer?”, a atenção não é dirigida para uma introspecção reflexiva da consciência como consciência, mas antes para as suas próprias actividades no mundo para onde estão voltadas as suas intenções.

Quando acordamos todas as manhãs, estamos imediatamente cientes de nós mesmos, da existência de um “eu”, bem como durante a maioria dos momentos de vigília, em que simplesmente somos nós, uma presença continuada e duradoura. Ou seja, defende-se que há um sentimento de self como continuidade psicológica, um “experencial dado” que sustenta a mesmidade (Klein, 2014), ou seja, há uma sensação não examinada de “eu sou eu”, que é pré-reflectivamente dada (Zahavi, 1999; Strawson, 2005 cit. por Klein, 2014). O “princípio da imunidade” remete justamente para o facto de quando falamos usarmos o pronome pessoal “eu” para referirmo-nos a nós próprios (Gallagher, 2000).

A *primeira pessoa subjectiva* (“*first-person subjectivity*”) é uma aspecto universal da nossa experiência de self, é a experiência que vem em primeiro lugar, tratando-se de uma realidade fenomenológica se quisermos dizer o que significa ser um self (e.g. James, 1890; Kant, 1998; Lund, 2005; Zahavi, 2005; Dainton, 2008; Legrand & Ruby, 2009; Strawson, 2009; Klein, 2012, 2014 cit. por Klein, 2014). É a subjectividade do self/eu que nos dá a capacidade de ser consciente do mundo do qual fazemos parte (Klein, 2014).

O acesso a si mesmo na experiência da primeira pessoa é imediato e não-observacional, não envolvendo um acto de percepção ou reflexão da consciência. Neste

sentido, o self imediato é aqui referido como o ponto de origem pré-reflexivo para a acção, a experiência e o pensamento (Gallagher, 2000).

O self minimal refere-se ao tácito e self pré-reflexivo (Nelson et al., 2013 cit. por Martin et al, 2014), em que a experiência de mim mesmo é dada na perspectiva da origem das minhas experiências (i.e. percepções ou emoções), acções e pensamentos (Stanghellini, 2009 cit. por Martin et al, 2014). Este self pode ser separado de outros aspectos mais elaborados como o self reflexivo (e.g. the explicit awareness of an I) e o self narrativo (cit. por Martin et al, 2014).

Quando dizemos “estou a ver a árvore” estamos focados no objecto a ser percebido, neste caso, na árvore. O “eu”, embora não inconsciente, está apenas presente implicitamente. Este “self-awareness” não está a competir com a representação da árvore enquanto esta se mantiver implícita. Ou seja, estamos perante um estado mínimo de reflexividade (Warren, 2009 cit. por Martin et al, 2014).

Um acto de consciência é descrito como reflexivo quando é direccionado intencionalmente para a tomada de consciência de si mesmo. A propósito do exemplo da árvore, “eu posso através de um acto de reflexão tornar o meu acto perceptual o cerne da minha consciência, e neste caso a atenção deixa de estar imersiva na árvore, mas redireccionada para o eu próprio enquanto observador da árvore” (Warren, 2009 cit. por Martin et al, 2014). Neste caso, a consciência do self torna-se reflexiva, e contrariamente ao self minimal, a representação explícita do self compete com outras representações. Percebemos a árvore ou pensamos em nós mesmos (Martin et al, 2014).

Segundo Metzinger (2003 cit. por Zahavi, 2007), para onde o self pre-reflexivo tende é para uma capacidade básica e espontânea de intimidade. O self minimal alega possuir a realidade da experiência, pois é onde se dá o sentimento/sensação de si. O self minimal é levado como estando próximo da perspectiva da primeira pessoa e identifica-se com a recepção do fenómeno na primeira pessoa. Ou seja, tudo acontece na primeira pessoa (Zahavi, 2007).

Em conclusão, o self referencia-se a si próprio, a eu, a uma experiência particular dada na primeira pessoa. Ou seja, se cheiro uma flor, a experiência que dela tenho remete para as experiências que o próprio teve (Gallagher & Zahavi, 2008, p.204). “o self é concebido como a dimensão invariável de recepção da experiência na primeira pessoa (“first-personal givenness”) na multiplicidade de experiências em mudança”. No fundo, a experiência precisa do self para se dar (Gallagher & Zahavi, 2008, p.204)

DISCUSSÃO, UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Parte I - Ricoeur em relação com as teorias do self na psicologia

Decorrente do capítulo I, em que foram expostas diferentes visões de self, podemos dizer que Paul Ricoeur afasta-se das abordagens psicanalíticas, cujo inconsciente é uma linha comum mesmo nos seus diferentes autores que passam, por exemplo, por Freud, Klein, Winnicott, Kohut. Com o nosso autor, o homem é corpo, estando situado por isso num tempo e lugar, sendo que na sua concepção de identidade não é contemplado o léxico de “inconsciente”.

Todavia, no campo das teorias psicanalíticas vimos como, sobretudo alguns dos seus autores que estudaram o self fizeram evidenciar dimensões que apelam à interacção e à relação. Ainda que sobre ângulos diferentes estes são laços que os aproximam.

Se tal como Macedo & Silveira (2012) dizem, no campo psicanalítico, as descrições para o self são essencialmente dualistas quanto à sua constituição, o nosso autor só pode situar-se no seu extremo, visto o seu pensamento ser a concreção de que o homem é totalidade. Então, porque é que Ricoeur (1990) apresenta uma identidade com duas dialécticas? Justamente para nos dar conta de que há uma relação constante, que a própria identidade é essa dança incessante nas duas dialécticas (mesmidade-ipseidade/ipseidade-alteridade) que se bifurcam na ipseidade, o si-mesmo. Um si que está mundo, nos fenómenos, um si que é capaz de interpretar e interpretar-se, um si que se faz no caminho com o outro. Cujas hermenêuticas do si só se dá com o outro.

Das teorias apresentadas no capítulo I, diria que Ricoeur aproxima-se mais de uma visão voltada para o construcionismo e construtivismo, pelo facto destas concentrarem os seus esforços no self entendido como relação e considerar as dimensões do diálogo e da narração fundamentais.

Parte II - Ricoeur em diálogo com o self narrativo e o self pré-reflexivo

Vimos que, no primeiro capítulo, como na Psicologia contemporânea, coexistem diferentes abordagens do self (e.g. Macedo & Silveira, 2012). No capítulo seguinte, apresentámos uma proposta para a Psicologia de uma *Identidade Narrativa* e os seus princípios sustentada em Paul Ricoeur. Por outro lado, convocou-se um outro autor, Dan Zahavi, que nos situa perante uma abordagem tida como oposta, a de um *self pré-reflexivo*. Parece, assim, estar em causa situarmo-nos em dois eixos possíveis de entendimento sobre o self. Por um lado, como construção narrativa e, por outro, o desenho de um self minimal/pre-reflexivo.

Dirá, porventura, o nosso leitor: não estaremos a deter-nos sobre um debate filosófico? A resposta é sim, mas não apenas. Perguntemo-nos: o que há de comum nestas abordagens com as da Psicologia? É esse traço que as une que me interessa - pois, não estaremos ambos a pensar o Homem? Além do mais, pensar o self é um problema teórico que envolve uma solução teórica.

A segunda pergunta que imagino o leitor a fazer é: apresentado então o pensamento de Paul Ricoeur e o seu contributo na Psicologia, porquê atender a uma visão de self que segue, aparentemente, uma direcção contrária?

Desde logo, porque esta investigação partiu desde o seu início de uma genuína investigação, isto é, eu não sabia onde ia chegar. Nesta demanda, cruzei-me varias vezes com interrogações: será o self narrativo suficiente? O que pensar da proposta de aparelho psíquico que, por exemplo, nos foi sugerida por Freud - em que a dimensão do inconsciente tem tamanho impacto? Ou, por exemplo, numa abordagem fenomenológico-existencial, em que não se fala propriamente de inconsciente, mas em que são equacionadas dimensões pré-reflexivas?

Apercebi-me de que na Filosofia - a que defende o self experiencial - a forma como se olha para o self narrativo é ela mesma redutora, na medida, em que se trata muitas vezes apenas como o sujeito contador de histórias que são capazes de o definir. Ora, neste ângulo (agora aqui também enfraquecido), a ideia de um self narrativo não me satisfazia enquanto

futura psicóloga. Por esta altura, seguia a par também com as leituras ricoeurinas de um modo mais profundo. O que me permitiu uma consciência mais alargada do que está em causa.

Por outro lado, fez-me sentir a dificuldade do que é tentar entrar na obra de um pensador que veio a desenvolver o seu pensamento ao longo do tempo, num diálogo incessante com outros autores. Talvez por isso não seja ainda tão considerado na Psicologia, talvez por isso, na Filosofia seja, por vezes, depurado à espinha de um self narrativo.

A minha experiência foi a de entrar em viagem, assim como a que ficou a convite nesta tese com a paisagem de Rothko. O que há a saber é que depois de se ler Ricoeur não mais regressamos os mesmos, não mais podemos olhar do mesmo modo para o que nos rodeia. O seu impacto no entendimento sobre o eu, o outro, o eu e o outro, fez estremecer e rasgar os lugares comuns e, diria, fronteiriços de uma Psicologia que tantas vezes e, cada vez mais, vem apelando à relação (e.g. Psicologia do self, a Psicologia dita humanista). Com Paul Ricoeur estamos perante a proposta de um sujeito que nunca está fechado em si, pois ele mesmo é relação e se constitui de um outro.

Uma das conclusões a que cheguei **(1) é que a proposta de Paul Ricoeur não pode ser reduzida à de um self narrativo**. Considero que deve de ser compreendida como o próprio a denominou, por “Identidade Narrativa”.

Ora, não ficamos desde logo confrontados com o impasse dos termos self e identidade? Como vimos, não há um consenso na Psicologia, sendo que sobretudo as abordagens narrativistas tendem a considerar um enlace entre estes dois conceitos.

A minha parca compreensão da proposta ricoeuriana e o entendimento de que o self narrativo era apenas o que já foi dito, levou-me a procurar entender o que estava a ser proposto a diálogo - o que seria então esse self experiencial?

Foi assim que o *aperçu* do conceito de self se foi desenhando, tacteando autores, cruzando pensamentos e, sobretudo, permitindo-nos ao diálogo daquilo que aparentemente se perspectiva como posicionamentos extremados. Aqui chegada é invariável não ser tomada pela torrente, quase vertiginosa, de tantas teorias de perspectivar - se me permitem a também torrente - o homem, o ego, o self, o sujeito, a pessoa, a consciência. Afinal, o que sabemos?

A multiplicidade de caminhos, todos eles viáveis, leva-me a defender que é preciso escolher por onde se vai, para onde se quer ir. Todavia, em consciência do que existe, pelo

menos em parte. A Psicologia tem diferentes abordagens onde se insere um mundo-visão teórico que, no fundo, visa sustentar a sua prática. Por este motivo, proponho aqui um forma de olhar, que é apenas uma possibilidade dentre as demais. Sobretudo, mais do que visar a proposta consistente de self, serve para a tomada de consciência de mundo outros além da Psicologia e que lhe podem ser úteis. Fundamentalmente, visa o diálogo interdisciplinar e a reflexão aberta.

Por outro lado, também as leituras relativas de um self experiencial, orquestradas por Shaun Gallagher e Dan Zahavi, faziam-me sentido. Ora, não estaremos nós embebidos na experiência continuamente, num eu que está na primeira pessoa da experiência subjectiva? Não estaremos nós com uma consciência subtil, pré-reflexiva, na experiência?

Aqui chegada, pareço ter chegado a uma encruzilhada: como posso eu concordar com a ideia de um self narrativo, mas também entender a de um self experiencial? Não é este, afinal, um debate sobre opostos?

Nesta encruzilhada, decido ouvir o que se passa num outro ramo, o das neurociências através da voz de António Damásio (2010). Naquela que é a sua proposta de um “self nuclear” e um “self autobiográfico”, que se funda antes de tudo num “proto-eu”. Que afinidades encontramos entre esta concepção e as restantes?

TABELA 1

Afinidades entre as concepções de self propostas por Damásio, Zahavi, Gallagher e Ricoeur

self nuclear (Damásio, 2010)	Self pré-reflexivo/ experiencial/ minimal (Zahavi, 2007; Gallagher, 2000)
self autobiográfico (Damásio, 2010)	self narrativo; Identidade Narrativa (Ricoeur, 1990)

A tabela acima é reveladora de uma possível leitura: o self nuclear em afinidade com o self pré-reflexivo. E por outro lado, o self autobiográfico em ligação com o self narrativo e a identidade narrativa.

Imagino, uma vez mais, o leitor a perguntar-se: nestas afinidades perde-se a proposta ricoeuriana para a Psicologia, tomada no capítulo II? Não. O contributo de Paul Ricoeur já

não é posto em causa nesta fase como uma discussão. Estamos, pois, voltados para a questão: o que fazer com o self pré-reflexivo, na medida em que nele também se encontra um sentido?

Defendo que as propostas dos autores aqui em diálogo quando consideradas isoladamente parecem ser insuficientes por si só. Todavia, quando conjugadas parecem criar não apenas zonas de tensão, mas sobretudo, pontes de ligação. Ainda assim, foi a continuada e aprofundada leitura de Ricoeur ao longo do tempo que me leva a defender que muitos dos aspectos em atenção do self nuclear, do self pré-reflexivo ou self experiencial possam enquadrar-se na minha leitura interpretativa de Paul Ricoeur. Vejamos como, começando por espreitar os ângulos dos opostos.

o olhar do self pré-reflexivo sobre o self narrativo

De um ponto de vista do self minimal em relação ao self narrativo situaria as suas críticas em dois eixos fundamentais: (a) veracidade da narrativa; (b) redução exclusiva do self à narrativa.

Lancemos agora ao vento a roda sobre estes pontos explanando eventuais interrogações colocadas, algumas do próprio Dan Zahavi (2007):

1. Não há uma correlação entre a vida vivida e a vida narrada;
2. Em que medida é que há uma extensão de veracidade ou falsidade?
3. É legítimo reduzir o entendimento do self apenas àquilo que pode ser narrado?
4. No fluxo da vida, recebemos as coisas enquanto elas se sucedem; encontramos-nos no meio dos eventos enquanto eles decorrem, sendo-nos negada a capacidade de retrospectiva que um historiador ou um contador de histórias têm.

o olhar do self narrativo sobre o self pre-reflexivo

No que respeita ao olhar do self narrativo sobre o self pre-reflexivo as principais críticas remetem para: (a) o acesso à experiência pessoal.

1. No self experiencial é tomado em consideração a experiência particular, individual e única que cada um de nós tem. Assim, o que é real?
2. O self é feito da experiência subjectiva na primeira pessoa ou o self advém da leitura subjectiva que se dá no si-mesmo?

uma proposta entre os opostos

A proposta já enunciada anteriormente é a de que a teoria ricoeuriana, dos aspectos tratados no capítulo II, conciliam já algumas das ideias do self pré-reflectivo, embora este não tenha sido abordado nestes termos pelo autor. De que maneira?

Paul Ricoeur trouxe-nos a visão de um homem integral, cujo acesso não é mais o método racionalista, mas antes hermenêutico. Como o próprio menciona, tratou de fazer um “enxerto da hermenêutica na fenomenologia”. Daí exactamente a sua proposta. Por um lado, a fenomenologia - um lado descritivo - que não chega a entrar na segunda fase, da qual o autor se distânciava. Por outro lado, a hermenêutica por onde chega a um eu integral - composto não apenas de razão, mas também de sentimentos, de afectos. Então, como é que acedemos a este sujeito total e integral? Primeiro, através daquilo que revela. O que é que revela? A acção.

Vimos ao longo do capítulo II, que a palavra é o veículo para dizer a acção, bem como para tomar consciência de si. Este si que já não é apenas razão, mas é o eu integral, aquele sujeito que se designa a si mesmo ao falar e agir, a partir de um corpo, como nos diz Ricoeur (1990). Assim, podemos dizer que a linguagem diz a acção de um homem integral e que por ser corpo também, encontra-se situado num tempo e lugar. O sujeito adquire a sua identidade a partir do momento em que é capaz de contar uma história, onde o tempo assume um papel importante. É através da narração que se conjuga o tempo subjectivo com o tempo cronológico, e se reorganiza a nossa experiência temporal. De acordo com Ricoeur, em TRI (p.84), “a narrativa atinge o seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal”.

Vimos também que a linguagem que diz a acção pode ser um veículo transmissor e criativo, onde se dá a visão consciente e reflexiva sobre a acção que o próprio desenvolve.

Ora, em contexto psicoterapêutico a dimensão “história” é fundamental, pois não é através dela que acedemos ao paciente? O que é então uma história, perguntamos nós ao longo do capítulo dedicado a Ricoeur. Com o nosso autor, em “Tempo e Narrativa” (1985) e “O si-mesmo como um Outro” (1990) vimos que a linguagem aliada à acção, entendida como narração, traz necessariamente uma linguagem descritiva e uma linguagem histórica, em que aquele que narra conta a sua vida, mas introduzindo também a dimensão da ficção.

E o que é a ficção? É o recurso à imaginação que surge na forma como se reorganiza a experiência vivida. Assim, a função mimética da intriga em relação ao mundo da acção não é uma simples imitação, justamente por existir esta linguagem criativa. Desta forma, o relato

que os pacientes/clientes nos trazem são reveladores do seu mundo, de si próprios, da sua narrativa singular. No fundo, da sua identidade singular e aberta. É por haver esta possibilidade, por entre a configuração e refiguração, que as histórias da vida podem ser alteradas pelas narrações que vão sendo criadas.

Como contra-argumento à visão narrativa, apresentámos anteriormente a ideia de que o self reduz-se apenas àquilo que é narrado. Mas como pode o sujeito reduzir-se a algo que, como diz Ricoeur (1990) faz parte do testemunho de si próprio no mundo - o homem que fala, age, narra e é responsável. Ou seja, é também pela possibilidade narrar que nos ligamos ao mundo, mais concretamente, pela possibilidade do si narrar-se. Ora, como é que eu me revelo na narrativa?

O si revela-se na narrativa pela possibilidade conjugar os factos históricos, reais, concretos, aquilo que aconteceu, mas combinando-os de um ângulo que o próprio dá.

Todavia, a narração é sempre uma combinação entre os factos históricos e a ficção que os une. Ambos fazem parte da compreensão de si, refigurando incessantemente aquela que é a história de uma vida. Portanto, a história que os pacientes nos contam de alguma forma é uma mimese, uma imitação do que se viveu que procura dizer a realidade mais de perto. Todavia, é uma imitação que partindo do concreto, permite recombinação dos factos pela própria configuração da narração.

Neste sentido, cada paciente/cliente traz-nos uma história única, mesmo que a realidade seja a mesma. Com a Identidade Narrativa, Ricoeur (1987, p.13) “demonstra como a compreensão de si é inteiramente narrativa, guiada pelas narrativas, históricas e ficcionais que compreendemos e que amámos”.

As experiências estão ligadas ao mundo do qual fazemos parte, mas simultaneamente é necessária uma interpretação desse mundo - e é aqui que a hermenêutica começa: no caminho próprio que cada um tem de fazer.

Apesar do caminho que cada um fez ser diferente é possível o encontro. Porque é que é possível haver o encontro? Justamente porque a narração não é descosida do mundo, parte de uma realidade que nos é comum. E é pelo facto de a realidade ser a mesma que somos capazes de entrar em diálogo e discussão, dando-se o encontro onde se garante a possibilidade de entendermo-nos.

Neste encontro, nenhum dos sujeito perde a sua identidade, mesmo que esta seja glosada nas duas dialécticas e se possa dizer que ela se constitui com um outro que está implicado.

CONCLUSÃO

“— Quem sou eu?

Era uma tarde de Verão, meu pai lia o jornal ao pé do tanque, eu olhava a água, absorto.

— Mas eu, eu o que é que eu sou?

Meu pai optou por contar-me a história da evolução da vida. Mas eu, que acredito hoje como exacta, sentia, como sinto, que alguma coisa ficara por explicar e que era eu próprio, essa entidade viva que me habita, essa presença obscura e virulenta que me aparecera, como também contarei, quando a vi fitar-me do espelho.”

Vergílio Ferreira, *Aparição* (1999)

I. Filosofia, Psicologia e teorias do self

Paul Ricoeur não sendo um psicólogo é um pensador que pode ter um contributo para a Psicologia. Em que medida? Algum do seu trabalho já foi resgatado para a Psicologia (nomeadamente, no campo Psicanalítico e também ao nível da investigação com Darren Langridge). Paul Ricoeur não sendo uma novidade no pensamento ocidental, pode ainda ser novo na Psicologia. A sua obra tem vários ângulos por onde pode ser vista.

A Psicologia e a Filosofia tem raízes comuns. Esta tese não é um regresso à Filosofia, nem é o seu apelo. É, contudo, não fechar as áreas do saber em fronteiras e muralhas outras e perguntar de que modo é que o outro, a Filosofia, nos pode enriquecer e constituir sem que se percam as identidades, neste caso, emancipada da Filosofia? Não é, afinal, esse o grande pressuposto desta tese?

Atém do mais, não é novidade que a Psicologia se socorra de autores da Filosofia para neles retirar um enquadramento teórico pensado ao nível psicológico e na Psicologia, note-se, por exemplo, umas das correntes: a Psicologia fenomenológico existencial.

O que é que queremos pensar mais profundamente? É aquilo que nos faz ser, que simultaneamente nos une e distingue. Daí a Filosofia e a Psicologia que, em última instancia, têm essa proximidade.

A Psicologia foi concebida no seu início como “o estudo da alma”. Mais tarde, falámos de Homem, de Ego, de eu, de si, de si-mesmo, de self. Assistimos hoje a um não

consenso sobre a definição destes termos. Eles existem em diferentes teorias e em cada uma delas pode haver diferentes propostas de entendimento.

Escutámos o início do seu estudo na Psicologia, associado a William James, vimos como se percorreu um caminho em unísono com a Filosofia e de como este rasto ainda está presente em teorias contemporâneas. Tentámos abranger diferentes visões de self na Psicologia, consideradas por Ernesto Spinelli (2001/2004), por Leary & Tangney (2012) e por William Watson Purkey e Paula Helen Stanley (2001). O esforço seguinte foi abordar alguns movimentos, teorias e autores fundamentais para a noção de self, nomeadamente, teorias psicanalíticas, o movimento humanista e o interaccionismo, construtivismo e construcionismo.

Destas leituras, tentamos agora congregar algumas dimensões que podem ser transversais, independentemente do ângulo teórico. Olhemos para elas:

1. Apesar do self ser tomado como um conceito difícil, por vezes, obscuro ou inacessível, é curioso vermos como simultaneamente é uma das noções mais discutidas e sobre a qual o grande número de autores se debruçou, em áreas como a Filosofia, a Psicologia, as Neurociências, entre outras. Assim, o self é uma noção passível de ser apreendida.

2. A maioria dos autores considera para a análise do self dimensões como: o ambiente, os outros, as experiências e a inserção no tempo.

3. O self é estudado com o referencial do tempo, e a sua dinâmica assenta em dois possíveis polos: permanência versus mutabilidade.

5. Alguns autores evidenciam uma forte associação entre o estudo do self e a linguagem.

II. Descobrir a sua casa

“ninguém tem a experiência do futuro, no entanto temos a palavra”

Gonçalo M. Tavares, *Biblioteca*

O projecto existencial como é que se constrói? É um já-sendo-que-está-a-acontecer, pois o projecto não é nem só passado, nem só futuro. Uma tarefa inacabada. O sentido da nossa experiência, as nossas experiências estão ligadas ao mundo do qual fazemos parte, mas depois é preciso uma interpretação desse mundo - e é aqui que começa a hermenêutica enquanto caminho próprio que cada um tem de fazer. Segundo Albert Camus: “cada um tem

de descobrir a sua casa”. A verdade diz-se de muitas maneiras diferentes, porque está sempre ligada à experiência do mundo a que estamos inseridos.

III. *Afinidades entre Zahavi, Gallagher, Damásio e Ricoeur*

“A flor é totalmente presente”

António Ramos Rosa

Com a proposta de Dan Zahavi e Shaun Gallagher (2008) de um self experiencial, o que sugere estar em causa é a dimensão única da experiência de cada um de nós. Experiência esta que não é partilhada pelo outro, apenas no eu de cada um. Há, portanto, uma primeira pessoa da experiência que está num plano pré-reflexivo de forma continuada e tranquila. Em suma, é reforçada a ideia de singularidade de cada indivíduo.

Por outro lado, quando se atende ao self narrativo, este é considerado numa dimensão reflexiva da experiência, sendo o sujeito aquele que é capaz de construir uma história única que o constitui.

Em conclusão**(1)**, **podemos dizer que ambas as teorias transmitem-nos a ideia de que há uma singularidade, por um lado, na experiência que cada um tem no mundo e, por outro, na história que cada um conta sobre si e que o constitui.**

Se aqui considerámos olhar para o self experiencial versus o self narrativo, entendo que **(2) poderá não ser totalmente correto inserir Paul Ricoeur na ideia de um self narrativo**. Em primeiro, por reduzir o seu trabalho unicamente à ideia de que o sujeito é a história que é capaz de contar e, em segundo, porque verdadeiramente nunca vimos o nosso autor referir-se a “self narrativo”. Poderá então pensar-se que este corresponde ao “si-mesmo” ou à sua proposta de Identidade Narrativa? Considero que devemos de respeitar o autor na sua terminologia, pois, por exemplo, desde logo quando falamos em identidade em Paul Ricoeur falamos sempre nas duas dialécticas (mesmidade-ipseidade/ipseidade-alteridade) que a constituem e só desde modo é que fazemos jus à proposta ricoeuriana.

Todavia, é correcto aproximar Ricoeur da visão de um self narrativo, mas não é totalmente verdade que este defenda exclusivamente um self narrativo. Neste sentido, surge também uma vez mais a distinção entre self e identidade.

Consideremos agora a proposta de António Damásio (1999; 2010), de um proto-eu, um self nuclear e um self autobiográfico. Considero que **(3) há uma afinidade entre a dimensão do self experiencial de Dan Zahavi e a proposta de um self nuclear em Damásio**. Em ambos explora-se a dimensão da primeira pessoa e o sentido de pertença da experiência. Para Damásio (2010) este eu nuclear é ponto de partida para o eu autobiográfico. E para Zahavi (2007), que apela sobretudo a um self experiencial, também no artigo “(...) (...) (...)”, diz que este poderá ser condição para um self narrativo.

Ora, daqui decorre a ideia de que **(4) que poderá estar em causa a dimensão de um self pré-reflexivo para um self narrativo**.

Como vimos, Damásio (2010) faz menção a um proto-eu e ao self nuclear, que remetem para as fundações biológicas e neurológicas, como também para a percepção do aqui e agora, sem a influência do passado ou do futuro, que não exige a linguagem e não se relaciona com a identidade. Com Paul Ricoeur (1990), estamos perante o homem que é corpo, que está por isso inserido no mundo num tempo e lugar. Com Shaun Gallagher e Zahavi (2008) estamos perante um “eu” contínuo no fluxo de experiências.

Podemos dizer que **(5) nos vários autores se parte de uma fundação para a construção de si**, nessa medida, tal como a maioria das perspectivas psicológicas contemporâneas, o self é entendido como processo e construção. Pois decorrente quer de um proto-eu, self nuclear, quer de um sujeito que é corpo, ou da experiência de estar no mundo, o caminho amplifica-se.

Olhemos agora para o self autobiográfico de Damásio (2010). Há uma afinidade geral entre a proposta narrativa ricoeuriana com a dimensão de uma autobiografia consciente em Damásio. Contudo, Ricoeur atribui um maior peso à noção de história e à relação com o outro. Pois trata-se de uma história que visa mimetizar a acção, através da “intriga” fundada na “Poética” de Aristóteles., onde também ela já acção no mundo, na medida em que o sujeito é um homem que fala, que age, que conta e é responsável.

Em suma, existem algumas fragilidades que distanciam os autores nas suas fundações. Contudo, há também outras zonas de tensão que os aproximam. Vejamos onde.

Com Damásio (2010, p.263), o self autobiográfico “leva uma vida dupla”. Ou seja, por um lado, (a) pode tornar-se explicitamente, compondo a mente consciente na sua forma mais

grandiosa e, por outro, (b) há como que uns bastidores, onde ficam latentes componentes que aguardam, se deixam ficar à espera para se tornarem activos.

Olhemos para o ponto (b). Estes “bastidores” de que nos fala Damásio (2010), que parecem ser, por um lado, um fluxo de experiências que foram recebidas, num processamento consciente inacessível (como denomina o autor), ou seja, remetendo assim para uma dimensão mínima de consciência e reflexividade - como mencionam Zahavi e Gallagher (2008); e por outro, parecem apontar para algo que Ricoeur (2006) apenas denota de um modo leve, que quase nos escapa na sua obra - a dimensão de “pré-narrativas” que remetem para histórias em potência, o direito de se falar da vida que, diria eu, decorrem da experiência onde cada um de nós está embebido.

Contudo, Ricoeur afasta-se, ao contrário do que nos diz Damásio (2010), da ideia de que a sedimentação gradual, a reformulação da nossa memória e conseqüentemente o amadurecimento do eu (onde as entidades e os acontecimentos adquirem um novo peso emocional) se desenrole, em grande medida, nos “bastidores”, neste self latente autobiográfico, longe da consciência acessível.

Para Ricoeur, as “pré-narrativas” são emaranhados que visam inscrever-se, necessariamente, num todo maior, ou seja há um sujeito invariavelmente implicado em busca de uma história. Nesse sentido, componentes experienciais, como factos e emoções, reformulam-se na relação com o outro. Amadurecendo assim a identidade através da implicação com o outro, e com a linguagem como aspecto essencial nesta tarefa, para recuperar a ipseidade e dizer a acção. Quer isto dizer, que para Ricoeur é a via da alteridade que proporciona ao indivíduo reestruturar, de forma sustentada, eventos na memória, de forma que reflecta positivamente em si-mesmo.

Até aqui vimos como Dan Zahavi, Shaun Gallagher, António Damásio e Paul Ricoeur podem ter algumas afinidades.

IV. Ricoeur situado na Psicologia

Face ao manifesto até aqui discorrido a proposta será atendermos à composição integral que Paul Ricoeur fez e não reduzirmos e considerarmos apenas um self narrativo. Afinal, como queremos olhar a constituição do self, do sujeito, da sua identidade?

Não há uma única resposta sobre o que é ou como se constitui o self, como também vimos na própria história e actualidade das teorias do self na Psicologia ao longo do capítulo

I. Pretendo, contudo, asseverar (talvez seja a minha única certeza nesta tese) que não devemos ficar alheios aos debates interdisciplinares, sob a pena de nos perdermos com um olhar voltado para dentro. Não foi, pois, essa também uma das grandes aprendizagens que tentei transmitir ao longo desta tese? É que o outro não é uma fronteira, antes pode constituir-nos na sua diferença. Também por isso decidimos escutar as perspectivas de um self pré-reflexivo ou das neurociências.

Porventura, o importante depois de se atender a uma interdisciplinariedade é regressar donde partimos e não perder de vista um ângulo, um mundo-visão. Nesse sentido, estamos e sempre estivemos na Psicologia. Ora, recordam-se de uma questão formulada no início desta tese que dizia: afinal, do que é que nós psicólogos falamos quando falamos de self?

A minha proposta é que, nós na Psicologia, ao falarmos de self, possamos de algum modo falar no “si-mesmo como um outro” de Paul Ricoeur, na sua proposta de Identidade Narrativa.

V. Um apelo ao diálogo

A proposta de Paul Ricoeur é uma trança, donde, eu não compreendo o outro sem me compreender também a mim, e não me posso querer compreender a mim sem compreender o outro, até o outro de mim mesmo. O que é que olhar o homem deste modo nos ajuda a nós psicólogos? Desde já, a recordarmo-nos do fundamental que: estamos diante da Pessoa, antes de ser alguém perturbado. É alguém que se apresenta com uma *história pessoal*, transmissível, que responde sempre à questão “quem sou” no seu acto de narrar.

Um apelo ao diálogo. Eu sou a interacção com o outro. A identidade depende sempre de uma relação que faço com outro e comigo mesmo em simultâneo. À medida que vou conhecendo o outro, vou-me conhecendo na relação que vou construindo. Para Ricoeur, eu não podia ter consciência de mim se não fosse o outro. Ora, isto vem evidenciar o papel do terapeuta. Isto é o que as psicoterapias aspiram, mas que algumas das teorias da Psicologia não consideram - o outro é visto como distanciado de nós. O outro é-me exterior e eu sou capaz de o analisar e dar-lhe nomes. Aqui, com Ricoeur, é um caminho. Assim, estamos perante a tese fundamental de que **só há verdadeiramente hermenêutica na história que é quando é ouvida e retomada pelo outro.**

Talvez por isso a verbalização, e conseqüente reflexão seja um aspecto decisivo na consciencialização de si como nos mostra a meta-análise acerca da experiência dos clientes em terapia. De acordo com os autores, esta compreensão de si próprios motiva a participação do paciente na relação terapêutica e permite que o mesmo identifique novas possibilidades de futuro (Levitt, Surace & Pomerville, 2016).

O olhar de Paul Ricoeur relembra-nos o fundamental que é estarmos perante alguém, que se afirma e atesta, na sua história pessoal, absolutamente **singular**. Um singular que todavia é sempre em relação com outros, mas que nem por isso se compromete na sua individualidade, capaz das suas escolhas e do seu sentido. Com Paul Ricoeur, somos convocados ao respeito e à **responsabilidade**, à escuta profunda pela diversidade não expectável, pela construção singular em sentido e consonância.

VI. O outro põe-me questão

Com Ricoeur, estamos a caminhar para o oposto de um eu que se volta para dentro e em si mesmo gira, que se tonteia na vertigem que é chegar diante do espelho e não se responder na totalidade. O poeta Herberto Helder escreve “e de tudo os espelhos são a invenção mais impura”. Não nos reflectimos integralmente no espelho. Também Jean Cocteau nos elucida a pensar nesta direcção com a ideia de que “os espelhos fariam bem em reflectir um pouco antes de nos devolverem as imagens”.

O outro põe-me em questão. Quando nos situamos no encontro terapêutico, entre terapeuta e paciente/cliente, de imediato somos lançados para a palavra como veículo para dizer acção. A alteridade está presente. Continuamente ouvimos, escutamos histórias. Continuamente estamos perante a presença, em corpo, de alguém que nos chega com um pedido. Não estaremos nós numa demanda em conhecer o outro e este a tentar responder à questão “quem sou?”

Se não tivermos uma linguagem comum não há troca. Só há desenvolvimento com a troca. Se não há dialogo o que significa? Não será a relação terapêutica a possibilidade de se construir pontes de enlace, uma linguagem comum, que permita a compreensão do paciente, uma aproximação ao seu vivido? Quando se fala que é importante o terapeuta adaptar-se

(tailoring) ao paciente, não terá a ver com a necessidade de criar-se uma linguagem comum, justamente para nos afastarmos da ideia reificada de que o terapeuta sabe e analisa o outro?

VII. Linguagem e componentes da narrativa

Intriga e história. Que ligações e separações? Segundo Gilbert Muriel (p.50-53), a intriga procura “re-representar” ou “imitar” a realidade humana segundo os princípios que se lhe são próprios. Quais princípios? Para os gregos, “muthos”, a intriga, tanto podia significar “fábula” como “história bem construída”. Segundo Paula Ponce Leão (2016), “a intriga não tem uma estrutura estática, é antes uma operação integradora que só termina no receptor vivo que interpreta a história ao ouvi-la ou vê-la representada. É pela **dimensão integradora da intriga** que a história se torna una e completa. Nesta óptica, a construção de uma intriga surge como um processo estruturante de uma vida singular”.

Como? Pela composição ordenada dos factos num relato inteligível na sua totalidade. A imaginação é a dimensão humana que está presente de um modo assumido por Ricoeur na tríplice mimesis, especialmente em mimeis III, momento da trans-figuração subjectiva, abertura à autocompreensão que a narrativa desvela. A narrativa trans-figura-nos, na medida em que nos faz descobrir o que somos (Castro, 2002). A narrativa que se deixa levar pela imaginação criadora.

VIII. Mudança e psicoterapia

Não será pela possibilidade de eu contar uma história, de haver um outro que a ateste, que também se dá a mudança? Afinal, não é a mudança terapêutica um dos grandes temas e objectivos da psicoterapia? Ora, se entendermos a identidade compreendida no sentido de um si mesmo (ipse), vemos como esta se baseia numa “identidade dinâmica”, esta identidade narrativa constitutiva da ipseidade, “inclui a mudança, a mutabilidade, na coesão de uma vida”, contrariamente à identidade do Mesmo (Temps et Récit III, p.425).A narratividade faz de cada um de nós indivíduos, que têm a sua história (Castro, 2001, p.241).

Paciente e terapeuta parecem estar ambos a criar um “mundo do texto”, onde continuamente se podem fazer leituras. Escrevendo numa folha do diálogo, como se de um terceiro elemento se tratasse. Porventura, é esta folha de leitura que o paciente leva para lá do mundo seguro do encontro terapêutico, ou seja, para o “mundo real”. Explico-me, não que o encontro, situado no tempo e no espaço de um gabinete, das cadeiras que a ângulo certo de dispõem, não seja real, muito menos o encontro entre as duas pessoas. Todavia, é onde se podem realizar, habitar, possibilidades - como se de um manuscrito da vida se tratasse. Na verdade, penso não existirem manuscritos, a vida é já ela mesma o grande horizonte donde não podemos escapar. O diálogo não nos pode tirar do mundo, não nos descose do mundo.

O que há a saber é que na eventual fantasia de um mundo que não é real, o processo de leitura e reeleitura, de configuração e reconfiguração, já está-a-ser-sendo, sem que se possa interrompê-lo. Porque há o fio da narrativa a unir dois homens frente a frente.

Não é nisto que se funda o projecto ricoeuriano? No encontro, na relação, do Outro em sua duplicidade? O outro para mim mesmo e para outro que me atesta?

Desta forma, o que se está a propor é que o paciente é autor e leitor da sua própria história. O percurso filosófico de Ricoeur, de um diálogo incessante com diferentes autores na sua teoria, também é expressão e desenho do próprio “rebento frágil” por ele proposto: de que nos continuamos com e através do outro, por via do diálogo. O Homem é por isso abertura, com um caminho por via da “história de uma vida”, em relação constante com o outro, do seu nascimento à sua morte (Ricoeur, 2006, p.9).

Por fim, eis que, aqui chegados, podemos olhar de novo para a paisagem de Rothko, sendo outros e sem termos perdido a nossa mesmidade na Psicologia. E saber que esta não é uma conclusão fechada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aristóteles (1965/2015). *Poética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ashmore, R. D., & Jussim, L. (1997). Toward a second century of the scientific analysis of self and identity. In R. D. Ashmore & L. Jussim (Eds.), *Self and identity: Fundamental issues* (pp. 3-23). New York: Oxford University Press.
- Beike, D. & Niedenthal, P. (1998). The process of temporal self-comparison in self-evaluation and life satisfaction. In Wong, P. & Fry, P. (Eds.), *The human quest for meaning: A handbook of psychological research and clinical applications* (pp. 71-89). Londres: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bugental, J. F. T. (1978). *Psychotherapy and process*. California: Addison-Wesley.
- Bugental, J. F. T. (1987). *The art of psychotherapist*. New York: Norton.
- Bugental, J. F. T. (1990). *Intimate journeys: stories from life-changing therapy*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Castro, M. G. A. (2002). *Imaginação em Paul Ricoeur*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Cole, J. P. (1971). *The problematic self in Kierkegaard and Freud*. London: Yale University Press.
- Damásio, A. (1999). *O sentimento de si*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Damásio, A. (2010). *O livro da consciência. A construção do cérebro consciente*. Lisboa: Círculo de Leitores.

- Deurzen, E. V. (2010). *Everyday mysteries: A handbook of existential psychotherapy*. London: Routledge.
- Deurzen, E. V. (2015). *Paradox and passion in psychotherapy: An existential approach*. London: Wiley Blackwell.
- Ferreira, V. (1999). *Aparição*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Frankl, V. (1963). *Man's search for meaning*. Better Yourself Books.
- Freire, S. & Branco, A. (2016). A teoria do self dialógico em perspectiva. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 32(1), 25-33.
- Freud, S. (1927/1949). *The ego and the id*. London: Hogarth Press.
- Fry, P. (1998). The development of personal meaning and wisdom in adolescence: a reexamination of moderating and consolidating factors and influences. In Wong, P. & Fry, P. (Eds.), *The human quest for meaning: A handbook of psychological research and clinical applications* (pp. 71-89). Londres: Lawrence Erlbaum Associates.
- Gallagher, S. (2000). Philosophical conceptions of the self: implications for cognitive science. Review. *Trends in Cognitive Sciences*, 4(1), 14 -21.
- Gallagher, S. (2001). The practice of mind: Theory, simulation or primary interaction? *Journal of Consciousness Studies* 8(5), 83–108.
- Gallagher, S. & Marcel, A. (2002). Models of the self. In S. Gallagher & S. Shear (Eds.). *Models of the Self*. San Diego: Imprint Academic.

- Gallagher, S. & Zahavi, D. (2008). *The phenomenological mind. An introduction to philosophy of mind and cognitive science*. New York: Routledge.
- Gilbert, M. (2001). *L'identité narrative. Une reprise à partir de Freud de la pensée de Paul Ricoeur*. Genève: Laboret Fides.
- Guanes, C. & Japur, M. (2003). Construcionismo social e metapsicologia: um diálogo sobre o conceito de self. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(2), 135-143.
- Heleno, J. (2001). *Hermenêutica e ontologia em Paul Ricoeur*. Lisboa: Instituto Piaget.
- James, W. (1890). *The principles of psychology*. New York: Dover.
- Klein, S. B. (2014). Sameness and the self: philosophical and psychological considerations. *Frontiers in Psychology*, 5(29), 1-15.
- Kortokov, D. (1998). The sense of coherence: Making sense out of chaos. In P. Wong & P. Fry (Eds.), *The human quest for meaning: A handbook of psychological research and clinical applications* (pp. 51–70). New Jersey: Laurence Erlbaum Associates.
- Langdrige, D. (2004a). The hermeneutic phenomenology of Paul Ricoeur. *Existential Analysis*, 15 (2).
- Langdrige, D. (2004b). *Phenomenological psychology : theory, research and method*. Edimburgo: Pearson Education.
- Leary, M. R. & Tangney, J. P. (2012). The self as an organizing construct in the behavioral and social sciences. In Leary, M. R. & Tangney, J. P. (Eds.), *Self and Identity* (pp. 1-20). New York: The Guilford Press.

- Leão, P. P. (2006a). Para uma fenomenologia da identidade pessoal. *Análise Psicológica*, 14 (3), 279-287.
- Leão, P. P. (2006b). El hombre, mediación imperfecta. La hermenéutica del sí en la obra de Paul Ricoeur. *Ágora - Papeles de Filosofía*, 25(2), 119-135.
- Leão, P. P. (2016). Hermenêutica e psicoterapia: da narração ao narrador. In M. L. Portocarrero & J. Beato (Eds.), *Paul Ricoeur em Coimbra. Receção filosófica da sua obra* (pp. 100 - 113). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Levitt, H. M., Surace, F. I. & Pomerville, A. (2016). A qualitative meta-analysis examining clients' experiences of psychotherapy: *A new agenda. Psychological Association* 142 (8), 801-830.
- Macedo, L. & Silveira, A. (2012). Self: um conceito em desenvolvimento. *Paidéia*, 22(52), 281-289.
- Martin, B., Wittmann, M., Franck, N., Cermolacce, M., Berna, F. & Giersch, A. (2014). Temporal structure of consciousness and minimal self in schizophrenia. *Frontiers in Psychology*, 5, 1-12.
- McAdams, D. P. (2001). The psychology of life stories. *Review of General Psychology*, 5(2), 100-122.
- O'Hara, D. (2014). The question of the self. Dialogues and debates. *Counselling Psychology Review*, 29(2), 67-69.
- Purkey, W. & Stanley, P. (2001). The self in psychotherapy. In D. J. Cain & J. Seeman (Eds.), *Humanistic psychotherapies* (pp. 473-530). Washington: American Psychological Association.

- Rasera, E. F., Guanaes, C., & Japur, M. (2004). Psicologia, ciência e construcionismos: Dando sentido ao *self*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(2), 157-165.
- Ricoeur, P. (1988). *A identidade narrativa*. Conferência apresentada na Faculdade de Teologia da Universidade de Neuchâtel.
- Ricoeur, P. (1987). Compreensão de si e história. Conferência apresentada no Colóquio Paul Ricoeur. Autocomprehesion e Historia, Espanha.
- Ricoeur, P. (1990a). *O si-mesmo como um outro*. São Paulo: Papyrus.
- Ricoeur, P. (1990b). *Soi-même comme au autre*. Paris: Éditions du Seuil.
- Ricoeur, P. (1994). *Tempo e narrativa - tomo I*. São Paulo: Papyrus.
- Ricoeur, P. (1995a). *Da metafísica à moral*. Lisboa: Edições Piaget.
- Ricoeur, P. (1995b). *Tempo e narrativa - tomo II*. São Paulo: Papyrus.
- Ricoeur, P. (1985/1997). *Tempo e narrativa - tomo III*. São Paulo: Papyrus.
- Ricoeur, P. (2006). La vida: un relato en busca de narrador. *Ágora - Papeles de Filosofía*, 25(2), 9-22.
- Sleeth, D. B. (2006). The self and the integral interface: toward a new understanding of the whole person. *The Humanistic Psychologist*, 34(3), 243–261.
- Sleeth, D. B. (2007). The self and the integral interface: toward a new understanding of the whole person (Part 3). *The Humanistic Psychologist*, 35(1), 45 - 66.
- Sommer, K. & Baumeister, R. (1998). The construction of meaning from life events:

- empirical studies of personal narratives. In Wong, P. & Fry, P. (Eds.), *The human quest for meaning: A handbook of psychological research and clinical applications* (pp. 71-89). Londres: Lawrence Erlbaum Associates.
- Sousa, D. (2004). O mundo do texto e a psicoterapia fenomenológico-existencial. *Análise Psicológica*, 22(4), 691-704.
- Spinelli, E. (1989/2005). *The interpreted world an introduction to phenomenological psychology*. London: Sage Publications.
- Spinelli, E. (2001/2004). *The Mirror and the Hammer. Challenging Orthodoxies in Psychotherapy Thought*. New York: Continuum.
- Spruiell, V. (1995). Self. In B. E. Moore & B. D. Fine (Eds.), *Psychoanalysis* (pp.421-432). New Haven, CT: Yale University Press.
- Sullivan, H. S. (1953). Beginnings of the self-system. In H. S. Perry & M. L. Gawel's (Eds.), *The collected words of Harry Stack Sullivan*, (pp. 101-134). New York: Norton.
- VandenBos, G. R. (Ed.). (2007). *Dicionário de Psicologia da APA*. Porto Alegre: Artmed.
- Vieira, A. G. & Henriques, M. R. (2014). A construção narrativa da identidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(1), 163-170.
- Villaverde, M. (2003). *A força da razão compartilhada*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Wong, P. (1998). Implicit theories of meaningful life and the development of the personal meaning profile. In Wong, P. & Fry, P. (Eds.), *The human quest for meaning: A handbook of psychological research and clinical applications* (pp. 71-89). Londres: Lawrence Erlbaum Associates.
- Zahavi, D. (2007). Self and other: The limits of narrative understanding. In *Narrative and*

Understanding Persons, D. D. Hutto (Eds.) (pp. 179-201). Cambridge University Press.

Zahavi, D. (2014). *Self and other: exploring subjectivity, empathy, and shame*. United Kingdom: Oxford University Press.